

DAVID LISS

O GRANDE CONSPIRADOR

Tradução de Isabel C. Penteadó





Durante a elaboração deste romance tive sérias dificuldades em transmitir de forma clara os termos e preocupações relevantes da política britânica do início do século dezoito, mas providenciei a seguinte informação para os leitores que estejam interessados numa breve revisão ou nalguma contextualização histórica.

***Cronologia de Acontecimentos Importantes
até às Eleições Gerais de 1722***

1642-49: Guerras civis inglesas travadas entre os Realistas, que apoiavam Carlos I, e os parlamentaristas, que se rebelaram contra os ensinamentos católicos do rei e procuravam levar à formação de um governo baseado em ideais protestantes radicais.

1649: O Rei Carlos I é executado.

1649-60: Durante o Interregno, Oliver Cromwell, e mais tarde o seu filho, Ricardo, governam a nação em conjunto com o Parlamento.

1660: A restauração da Monarquia; o exército apoia o regresso do filho de Carlos, Carlos II. O novo rei é um protestante declarado mas suspeita-se que tenha tido formação católica.

1685: Após a morte de Carlos II, o seu irmão abertamente católico, Jaime II, sobe ao trono. Jaime tem duas filhas protestantes de um casamento anterior mas está agora casado com Maria de Modena, uma católica.

1688: Maria de Modena dá à luz um filho, também chamado Jaime. O Parlamento, temendo o início de uma nova dinastia católica, convida Guilherme de Orange, marido de Mary, a filha mais velha do rei, a assumir a Coroa juntamente com a mulher. Jaime II foge e o Parlamento declara que ele abdicou.

1702: Ana, a filha mais nova de Jaime II, torna-se rainha.

1714: De acordo com o Acto de Determinação do Parlamento, à morte de Ana a Coroa passa para o Eleitor de Hanôver, o distinto primo alemão de Ana, que se torna Rei Jorge I.

1715: A primeira rebelião expressiva dos jacobitas, liderada por Jaime Stuart, filho de Jaime II e agora conhecido como o Pretendente.

1720: A Bolha do Mar do Sul rebenta, causando o primeiro *crash* no mercado de acções em Inglaterra. Como resultado da ganância corporativa e cumplicidade parlamentar, o país cai numa profunda depressão económica. A simpatia para com os jacobitas aumenta.

1722: Ocorrem as primeiras eleições gerais desde que Jorge se tornara rei e são vistas como um referendo ao seu reinado.

Termos Políticos

Tories: Os *tories* eram um dos dois principais partidos políticos. Estavam associados às velhas fortunas, à riqueza das terras, a uma Igreja forte e a uma monarquia forte. Opunham-se veementemente a alterações da lei que ajudassem protestantes ingleses não-anglicanos e, principalmente, católicos e judeus. Após a acessão de Jorge I, os *tories* foram eficazmente barrados do poder.

Whigs: O segundo partido político mais importante, os *whigs*, estava associado à nova riqueza não proveniente das terras, ao mercado de acções, ao protestantismo não-conformista. Defendia o afastamento do poder da Igreja e um poder parlamentar acima do poder real.

Jacobitas: Aqueles que acreditavam que a Coroa devia ser devolvida ao deposto Jaime II – e, mais tarde, aos seus herdeiros – eram chamados de jacobitas (de *Jacobus*, Jaime em Latim). Os jacobitas faziam-se passar muitas vezes por *tories*, e pensava-se que os *tories* teriam simpatizantes jacobitas. A Escócia e a Irlanda eram importantes centros de apoio aos jacobitas.

Pretendentes: O deposto Jaime II – e, depois, os seus herdeiros – eram conhecidos como Pretendentes. O Pretendente neste romance é Jaime Stuart, o futuro Jaime III, filho de Jaime II. Era também conhecido por Chevalier.

Direito de Voto: Quem podia ou não votar na Grã-Bretanha do século dezoito pode parecer um assunto bastante complexo para os leitores modernos. Os distritos eleitorais eram compostos por duas unidades: *borough*, pequeno círculo eleitoral, e *county*, com mais de cinquenta mil habitantes. Para votar num *county* era preciso ter-se um rendimento anual equivalente a quarenta xelins ou mais (uma quantia que parecia ser uma riqueza significativa quando da elaboração da lei, trezentos anos antes dos acontecimentos deste livro). As circunstâncias em que ocorriam as eleições variavam de distrito para distrito. Alguns tinham muita gente com direito de voto,

outros eram formados por um restrito grupo de homens que se encontravam em privado e votavam entre si. Nas comunidades rurais, esperava-se que os rendeiros votassem como lhes fora instruído pelos seus senhorios.

David Liss



DESDE A PUBLICAÇÃO do primeiro livro das minhas memórias que sou objecto de maior notoriedade do que alguma vez fui ou pensei vir a ser. Não me posso queixar ou lamentar, pois todo o homem que escolhe ser figura pública não tem motivos para lamentar tais atenções. Pelo contrário, deve sentir-se grato se o público escolhe lançar o seu olhar inconstante na sua direcção, uma verdade que os inúmeros volumes que permanecem na perdição dos escritores que é a obscuridade podem testemunhar.

Vou ser sincero e dizer que fui recompensado pelo calor com que os leitores reagiram aos meus relatos anteriores, mas também fui surpreendido; surpreendido por pessoas que leram algumas linhas do meu pensamento e que quase se consideraram minhas amigas e livres de me expressar as suas ideias. Mas enquanto não acho errado que alguém tenha lido as minhas palavras e deseje comentá-las, confesso que fico perplexo com o número de pessoas que acreditam poder comentar impunemente qualquer aspecto da minha vida sem nenhum respeito pela decência e os bons costumes.

Alguns meses depois da publicação do meu pequeno livro, participei num jantar de convívio onde mencionei o facto de pretender levar a julgamento um criminoso particularmente perigoso. Um jovem elegante, que eu nunca vira, voltou-se para mim e disse que o dito sujeito deveria ter cuidado para não ter o mesmo fim de *Walter Yate*. Depois sorriu como se nós dois partilhássemos um segredo.

A minha surpresa foi tal que não disse uma única palavra. Já não pensava em Walter Yate há algum tempo, e não fazia ideia que este nome ainda fosse falado depois de tantos anos. Mas acabaria por descobrir que enquanto eu nunca mais pensara neste homem, outros haviam-no feito. Pouco menos de quinze dias depois, outro homem, também um desconhecido, comentou uma dificuldade que eu enfrentava dizendo que eu deveria tratar desse assunto da mesma forma que tratara do meu assunto com *Walter Yate*. Disse o nome com um aceno disfarçado e um piscar de olho como se, por ter proferido este vocábulo, nos tornássemos alegres co-conspiradores.

Não me ofende o facto destes homens terem escolhido referir incidentes do meu passado. No entanto, desconcerta-me que se sentissem livres para falar de algo que não compreendem. Não consigo exprimir totalmente o meu pasmo por tais pessoas, pensando o que pensam acerca deste incidente, mo mencionarem de todo e ainda por cima de uma forma tão bem-disposta. Alguém que vai a um espectáculo ambulante faz pouco dos tigres olhando para os seus caninos?

Decidi então que devo escrever outro livro de memórias para desenganar o mundo da ideia que faz a respeito deste capítulo da minha história. Não quero ouvir mais o nome Walter Yate ser falado em tons inconvenientes e reservados. Este homem, segundo o que sei, nada fez para merecer tornar-se objecto de piada. Assim sendo, afirmo agora, com verdade e definitivamente, que não agi de forma violenta sobre Yate – e muito menos com a violência mais definitiva –, algo que descobri ser convicção do público em geral. Além disso, se me é permitido desenganar o público quanto a outro equívoco, eu não escapei ao mais terrível dos castigos utilizando a influência de amigos no governo. Nenhuma dessas histórias é verdadeira. Eu nunca tivera conhecimento destes rumores porque nunca ninguém me tinha falado neles. Mas agora, depois de publicar algumas palavras acerca da minha vida, já sou amigo de toda a gente. Deixem-me então prestar o amigável serviço de revelar os factos acerca do incidente, se não por outro motivo, pelo menos para que nunca mais seja tema de comentários.

WALTER YATE MORREU, atingido na cabeça com uma barra de ferro, apenas seis dias antes da convocação do Tribunal do Rei, por isso tive muito pouco tempo, após a minha detenção, para reflectir sobre a minha condição enquanto aguardava julgamento. Vou ser sincero: poderia ter aproveitado melhor esse tempo, mas nunca acreditei, nem por um instante, que seria condenado por um crime que não cometera: o

assassinato de um homem de quem quase não ouvira falar antes da sua morte. Deveria ter acreditado, mas não acreditei.

Tão forte era a minha convicção que na maioria das vezes nem sequer prestava atenção às palavras proferidas durante o julgamento. Em vez disso, olhava para a multidão aglomerada na sala de tribunal ao ar livre. Havia uma chuva miudinha naquele dia, e o ar de Fevereiro estava consideravelmente frio, mas as pessoas foram de qualquer forma, espremendo-se em cima dos bancos ásperos e já rachados, encolhendo-se devido à chuva, para assistir aos procedimentos que haviam atraído alguma atenção dos jornais. Os espectadores sentavam-se a comer as suas laranjas, maçãs e pequenos pastéis de carneiro, a fumar os seus cachimbos e a cheirar tabaco. Mijavam em potes nos cantos e lançavam conchas de ostras aos pés do júri. Murmuravam e aplaudiam e abanavam as cabeças como se fosse tudo um enorme espectáculo de fantoches encenado para seu divertimento.

Acho que deveria ter ficado contente por ser objecto de uma tão grande curiosidade pública, mas não sentia qualquer recompensa na notoriedade. Não quando *ela* não estava lá, a mulher que eu mais queria ver nas minhas horas de sofrimento. Se fosse condenado, pensava (apenas de uma forma romântica, já que esperava tanto uma condenação como ser eleito Lorde Maior) que queria apenas que ela aparecesse e chorasse aos meus pés, e me falasse dos seus remorsos. Queria os seus beijos molhados de lágrimas no meu rosto. Queria que as suas mãos segurassem as minhas enquanto suplicava o meu perdão e implorava ouvir os meus votos de amor repetidos mais de cem vezes. Eu sabia que estas eram meras fantasias de uma imaginação perturbada. Ela não iria ao meu julgamento, e não iria visitar-me antes da minha fantástica execução. Não podia.

Miriam, a viúva do meu primo, com quem eu quisera casar, casara-se seis meses antes com um homem de nome Griffin Melbury que, por altura do julgamento, se encontrava ocupado com os preparativos para a sua apresentação como candidato do partido *tory* nas eleições que brevemente teriam lugar em Westminster. Agora convertida à Igreja Anglicana, e esposa de um homem que esperava ascender como um proeminente político da oposição, Miriam Melbury não se podia dar ao luxo de assistir ao julgamento de um rufia-a-soldo judeu, a quem já não se encontrava ligada por laços de parentesco. Ajoelhar-se aos meus pés ou cobrir-me a cara com beijos molhados de lágrimas não seria o tipo de comportamento que ela teria sob qualquer tipo de circunstâncias. Decerto não aconteceria agora que ela se entregara a outro homem.

Assim, naquela hora de crise, pensava menos na possibilidade da minha iminente condenação do que nela. Culpava-a, como se ela pudes-

se ser considerada responsável por este julgamento absurdo – afinal de contas, se se tivesse casado comigo eu poderia ter abandonado a minha actividade de caça-ladrões, e não me teria envolvido nas circunstâncias que haviam conduzido a este desastre. Culpava-me a mim próprio por não a ter perseguido com maior vigor – embora três propostas de casamento devessem corresponder à definição de *vigor* de qualquer homem.

Por isso, enquanto o advogado da Coroa tentava convencer o júri a condenar-me, eu pensava em Miriam. E, porque mesmo quando estou melancólico e sinto desejo ainda sou um homem, também pensava na mulher de cabelos loiros.

Não deve causar qualquer surpresa o facto da minha mente se dispersar com outras mulheres. Nos seis meses que se seguiram ao casamento de Miriam, eu divertira-me imenso – não com o intento de esquecer, entendam-me, mas com o objectivo de tornar mais refinado o meu sentimento de perda – entregando-me a vícios que consistiam principalmente em mulheres e bebida. Lamentava não ser muito dado ao jogo, pois a maioria dos homens que eu conhecia consideravam que esse vício entretinha tanto quanto os dois de minha eleição, se não mais. Mas, tendo no passado pago o alto preço do dinheiro perdido no jogo, não conseguia ver o gozo que havia em observar um par de mãos gananciosas arrecadar um monte de dinheiro que fora em tempos meu.

Bebida e mulheres: eram estes os vícios dos quais eu podia depender. Nenhum deles precisava de ser de uma qualidade particularmente boa; eu não era esquisito. No entanto, ali estava uma mulher, sentada na borda de um dos bancos, que absorvia a minha atenção tanto quanto possível naqueles tempos negros. Tinha cabelo louro claro e olhos da cor do próprio Sol. Não era bela, mas era bonita e tinha um estilo atrevido, com o seu nariz arrebitado e queixo proeminente. Embora não fosse nenhuma grande senhora, vestia-se como uma mulher de classe média, com primor, mas sem elegância ou muita inclinação para a moda. Em vez disso, deixava a natureza fazer o que o seu alfaiate não conseguia e exibia-se ao mundo num corpete de decote acentuado. Resumindo, não havia nada que me impedisse de a achar um deleite numa cervejaria ou taberna, mas não havia qualquer razão especial para ela dominar a minha atenção enquanto a minha vida estava a ser julgada.

A não ser o facto de ela não desviar os olhos de mim uma única vez. Nem por um momento.

Os outros também olhavam para mim, claro, – o meu tio e tia com pena e talvez admoestação, os meus amigos com medo, os meus inimigos com júbilo, os estranhos com uma curiosidade impiedosa – mas

esta mulher direccionava-me um olhar desesperado e ávido. Quando os nossos olhares se cruzaram ela não sorriu nem franziu as sobrancelhas, olhou-me apenas como se tivéssemos partilhado uma vida inteira e não fosse preciso trocar qualquer palavra. Qualquer um que estivesse a observar pensaria que éramos casados ou amantes, mas, que eu me lembrasse, nunca a tinha visto antes. O enigma do seu olhar monopolizava muito mais os meus pensamentos do que o enigma de como é que eu viera parar a tribunal pela morte de um trabalhador das docas de quem eu nunca ouvira falar até dois dias antes da minha prisão.

A chuva começara a cair mais intensamente e tornou-se gelada quando o advogado de acusação, um velho conhecido de nome Lionel Antsy, chamou Jonathan Wild para depor. Naquele ano de 1722 ainda se acreditava que este notável criminoso fosse a única defesa contra os exércitos saqueadores de ladrões e salteadores que infestavam a metrópole. Ele e eu éramos velhos rivais na nossa actividade de caça-ladrões, pois os nossos métodos não eram de todo semelhantes. Eu acreditava que se ajudasse as pessoas honestas a recuperarem os bens perdidos, receberia uma bela recompensa pelo meu esforço. Está certo, o meu trabalho nem sempre era baseado em princípios. Eu estava disposto a seguir o rasto de devedores esquivos, a usar a experiência que adquirira no ringue de pugilismo para ensinar lições a patifes (desde que, aos meus olhos, merecessem esse tipo de tratamento), a intimidar e assustar homens que exigissem tais medidas. No entanto, não utilizaria a força com aqueles que acreditasse não serem merecedores de tratamento violento, e era até conhecido por deixar escapar um ou outro devedor – sempre com uma desculpa mentirosa para o meu contratante – se ouvisse uma história credível sobre filhos doentes ou uma mulher com fome.

Wild, porém, era um velhaco sem escrúpulos. Mandava os seus ladrões roubar e vender os mesmos artigos de volta aos proprietários, enquanto fingia ser a única voz das vítimas londrinas. Eu admito que estes métodos eram muito mais lucrativos que os meus. Dificilmente um carteirista em Londres encheria os bolsos sem Wild receber a sua parte. Nenhum assassino conseguia esconder as mãos sujas de sangue da minuciosa vigilância de Wild, mesmo que tivesse sido o próprio caça-ladrões a ordenar o crime. Ele possuía navios de contrabando que visitavam todos os portos do reino e tinha agentes em todas as nações da Europa. Os corretores da Bolsa de Exchange Alley mal se atreviam a comprar e vender sem a sua aprovação. Resumindo, ele era um homem extremamente perigoso, e não me tinha qualquer apreço.

Nos nossos esforços incompatíveis, chocáramos mais de uma vez, embora os nossos desentendimentos tendessem a esfriar em vez de

aquecer. Estudávamo-nos mutuamente, como cães mais ansiosos por ladrar do que lutar. Contudo, eu não podia duvidar que Wild aproveitaria esta oportunidade para me destruir. Como ele fizera carreira perjurando diante de qualquer júri que o ouvisse, naquele momento eu só esperava para descobrir a severidade da sua condenação e a verve com a qual a apresentaria.

Antsy mancou em direcção à testemunha, curvando-se para proteger o rosto da chuva gelada. Parecia estar algures entre os cinquenta e os cem anos de idade – lúgubre como a própria Morte, com a pele pendurada sob o queixo e a cabeça balançando acima do sobretudo. A sua peruca, mole devido à chuva, pendia obliquamente e estava em tão más condições que eu presumi que ele só poderia tê-la adquirido nos saldos em Holborn, onde um homem podia pagar três centavos pela oportunidade de retirar às cegas uma peruca usada de uma caixa. Sem se ter incomodado a fazer a barba naquela manhã, e talvez na anterior, o seu rosto estava pejado de fios de cabelo brancos que se projectavam da pele áspera.

— Bem, Sr. Wild, — disse ele, na sua voz aguda e trémula, — o senhor foi chamado aqui para testemunhar acerca do carácter do Sr. Weaver porque é largamente conhecido como uma espécie de perito em assuntos criminais; um estudante da filosofia do crime, se preferir.

— Gosto de pensar em mim dessa forma — disse ele. O seu sotaque rural era tão acentuado que os jurados se inclinaram para a frente, como se a proximidade os ajudasse a compreender melhor. Wild, sobre quem a chuva quase não se atrevia a cair, manteve uma postura erecta e sorriu quase compassivamente para Antsy. Como podia um velho leguleio como Antsy inspirar alguma coisa para além de desprezo num homem que, por hábito, mandava enforcar os seus ladrões para poder receber a recompensa de quarenta libras oferecida pelo Estado?

— O senhor é sobejamente conhecido como o agente mais eficaz no campo da perseguição aos ladrões, não é verdade?

— Sim — disse Wild com orgulho. Estava naquela altura a entrar nos quarenta, mas tinha ainda um aspecto atraente e vibrante com o seu fato elegante e peruca. Tinha também um rosto enganosamente bondoso, com grandes olhos, bochechas redondas e um sorriso afável e avuncular que fazia as pessoas gostarem e confiarem imediatamente em si. — Sou conhecido como o Caça-Ladrões Geral, e é um título que carrego com honra e orgulho.

— E, nesse posto, ficou a conhecer as várias vertentes do mundo criminal, correcto?

— Precisamente, Sr. Antsy. A maioria das pessoas compreende que

se perder um artigo de uma certa importância, ou desejar descobrir o perpetrador de um crime, não importa o quão abominável seja, sou eu o homem que deve procurar.

Nunca perdia uma oportunidade para realçar a sua reputação, pensei. Wild pretendia ver-me enforcado e ao mesmo tempo ser mencionado nos jornais.

— Então considera-se conhecedor das acções criminosas na nossa metrópole? — perguntou Antsy.

— Já me dedico a este negócio há muitos anos — respondeu Wild. — Há muito poucos assuntos sobre criminalidade que escapem ao meu conhecimento.

Esqueceu-se de referir que tinha conhecimento desses assuntos de criminalidade porque, de um modo geral, era ele, ou os seus agentes, quem os orquestrava.

— Fale-nos, por favor, — disse Antsy, — da ligação do Sr. Weaver com a morte de Walter Yate.

Wild parou por um momento. Olhei intensamente para ele. Fiz o máximo por dizer com palavras silenciosas que ele deveria saber que eu não seria condenado, e se ele me prejudicasse desta vez eu não esqueceria o assunto. *Prossigue*, disse-lhe eu com os olhos, *e assinarás a tua sentença*. Wild fitou-me também por um momento e acenou muito levemente com a cabeça, transmitindo uma intenção que não consegui descortinar. Depois voltou-se para Antsy.

— Não posso dizer quase nada a esse respeito — disse ele.

Antsy abriu a boca, mas pareceu demorar um pouco a perceber que a resposta que recebera não era aquela que esperara. Pressionou a cana do nariz com o polegar e indicador, como se tentasse espremer a resposta de Wild da mesma forma que um espremedor para sidra extrai sumo da maçã. — O que quer dizer, senhor? — perguntou numa voz trémula mais esganiçada do que o habitual.

Wild sorriu ligeiramente. — Que não tenho qualquer conhecimento dos factos relacionados com a morte de Yate ou do suposto envolvimento de Weaver; só aquilo que li nos jornais. O meu objectivo é descobrir a verdade que está por detrás de todos os crimes horrendos, mas não posso saber tudo. Embora tente, acredite.

Todos os espectadores no tribunal conseguiram ver pela expressão no rosto de Antsy que este esperara algo completamente diferente de Wild. Talvez uma dissertação sobre o perigo que eu representava para Londres. Um relato dos meus crimes anteriores. Uma lista de atrocidades nas quais ele suspeitava há muito do meu envolvimento. Mas Wild tinha em mente um jogo diferente – um que me escapava por completo.

Antsy olhou para cima e fez um sorriso forçado. Inspirou profundamente, insuflando o peito quase até ao tamanho do de um homem normal, e arreganhou os dentes num sorriso mortífero. — Não considera Weaver um homem vicioso, capaz de matar alguém, até um completo desconhecido, sem qualquer motivo? E, assim sendo, perfeitamente capaz de matar Walter Yate? Não é correcto dizer que sabe com certeza que ele *matou* de facto Walter Yate?

— Pelo contrário — respondeu alegremente Wild. — Acho que Weaver é um homem honrado. Eu e ele não somos amigos; na verdade, encontramos-nos frequentemente em lados opostos. Se me permitem o atrevimento, penso que Weaver é um péssimo caça-ladrões, que presta um mau serviço ao Estado e àqueles que lhe pagam. Mas ser mau no seu negócio não o torna necessariamente um homem mais perverso do que se poderia considerar um sapateiro por fazer sapatos que magoam os pés. Acho que Weaver tem tantos motivos para ser o culpado deste crime como qualquer outro homem. Que seja do meu conhecimento, o senhor pode ser tão culpado quanto ele.

Antsy virou-se para o juiz, Piers Rowley, que olhava para Wild com uma estupefacção idêntica à do advogado. — Excelência, este não é o testemunho que eu esperava — queixou-se Antsy. — O Sr. Wild deveria ter falado dos crimes e crueldades de Weaver.

O juiz voltou-se para a testemunha. Tal como Antsy, já tinha uma idade avançada, mas com o seu rosto amplo e compleição rosada tinha muito melhor aspecto que o advogado. Antsy aparentava fome sob todos os aspectos, mas o juiz parecia ter mais do que precisava. As suas enormes bochechas estavam inchadas como as de uma criança obesa.

— Sr. Wild, — disse Rowley à testemunha, — forneça ao Sr. Antsy o depoimento de que ele necessita.

Eu não esperara esta resposta. Não o conhecia bem, mas já observara Rowley no passado — quando chamado a testemunhar contra homens que ajudara a levar a julgamento — e sempre lhe encontrara a justeza e honestidade que seriam esperáveis de um homem com a sua profissão. Aceitava ocasionalmente subornos, mas apenas para assegurar uma decisão judicial que ele já tencionara tomar sem o incentivo financeiro. Sempre notara que ele levava muito a sério o seu papel de protector do réu, e sentira um certo alívio quando tomara conhecimento de que seria ele a presidir ao meu julgamento. Agora parecia que o meu optimismo fora injustificado.

— Perdão, excelência, — respondeu Wild, — mas não posso responder às expectativas do Sr. Antsy. Tendo feito um juramento para dizer a verdade, assim devo fazer.

Ali estava algo de cómico. Wild não era mais leal a juramentos do que um francês é à roupa lavada. Ainda assim, ali estava ele sentado, incorrendo na fúria do advogado de acusação e do juiz em vez de falar mal de mim. Wild, que passava muito mais tempo em tribunais do que eu, decerto conheceria o temperamento de Rowley. Não podia deixar de saber que o juiz era um homem que se julgava mais importante do que era na realidade e não deixaria passar de ânimo leve um insulto à sua autoridade. Defendendo-me como estava a fazer, Wild arriscava-se a ser prejudicado pois teria a partir daquele momento que se expor à hostilidade de Rowley nos julgamentos. Como os falsos testemunhos estavam entre as suas principais fontes de rendimento, um juiz adverso poderia complicar-lhe a vida.

Antsy não compreendia melhor do que eu a situação. Afastou a chuva da cara com a mão. — Dada a sua relutância em dizer a verdade, não tenho mais nada a perguntar a esta testemunha — disse o velho advogado. — Pode ir, Sr. Wild.

Levantei-me. — Perdão, excelência, mas ainda não tive a oportunidade de contra-interrogar.

— Não há mais perguntas a colocar a esta testemunha. — Rowley bateu com o martelo.

Wild desceu e piscou-me o olho. Eu olhei para ele sem qualquer emoção.

A minha bonita admiradora de cabelos louros chorava para cima da manga do vestido e não estava sozinha no seu desalento. Os espectadores reagiram rapidamente com vaias e assobios, e lançaram alguns carochos de maçã na nossa direcção. Eu não era assim uma figura tão popular entre a multidão a ponto de não me dirigirem qualquer insulto, mas as pessoas sabiam reconhecer uma injustiça e nenhum plebeu desta cidade ficava indiferente quando um companheiro era maltratado pela justiça. Não naqueles tempos, quando havia tão pouco trabalho e o pão era tão caro. No entanto, Rowley tinha anos de experiência com explosões daquele estilo e bateu uma vez mais com o martelo, desta vez com uma autoridade que fez cair um véu de silêncio.

Eu não me acalmei tão facilmente. No nosso sistema judicial, um réu não tem um advogado porque se parte do princípio que o juiz actuará como seu defensor. Algumas vezes, porém, um réu fica sujeito a um juiz pouco amável e, assim, sem qualquer defesa. Eu nunca tivera motivos para lamentar as injustiças deste sistema pois estava habituado a estar na posição de desejar ver homens condenados para poder receber uma recompensa – e ver ser feita justiça, claro. Mas descobria agora que não podia convocar as minhas próprias testemunhas, interrogá-las de

acordo com a minha vontade ou defender-me de forma adequada. O juiz Piers Rowley, um homem que conhecia de vista, parecia empenhado em destruir-me.

ANTSY CHAMOU então Spirit Spicer, um tipo de quem eu nunca ouvira falar – como esqueceria um nome tão colorido? Era jovem, um rapaz trabalhador, e claramente de classe baixa. Spicer vestira-se o melhor que conseguira, mas a sua blusa estava rasgada em diversos sítios e as calças estavam manchadas na parte posterior de uma forma que qualquer homem respeitável consideraria, no mínimo, embaraçosa. Cortara o cabelo para se apresentar em tribunal, usando, pensei eu, uma lâmina cega, e parecia que tinha enfiado a cabeça num moinho de cereais.

Através de uma linha de interrogatório desnecessariamente prolongada (sem dúvida para o ajudar a pôr as ideias em ordem depois do infeliz incidente com Wild), Antsy revelou que Spicer estivera nas docas em Wapping no dia da morte de Yate e afirmava ter testemunhado a mutilação e assassinato ocorridos naquela tarde. — Eu vi lá aquele homem — disse Spicer apontando para mim. — Ele matou o tipo, Yate. Ele bateu-lhe, bateu sim. E depois matou-o. Batendo-lhe.

— Tem a certeza? — perguntou Antsy. A sua voz denotava triunfo. A sua testemunha dizia o que ele pretendia. A chuva amainara um pouco. Tudo corria bem.

— Já há muito tempo que não estava assim tão certo de alguma coisa — assegurou-lhe Spicer. — Foi o Weaver. Tenho a certeza; estava suficientemente perto para ver tudo, e para ouvir também. Ouvi o que Weaver disse antes de ter cometido o crime. Ouvi as suas palavras blasfêmicas e maliciosas, ouvi sim.

O velho advogado piscou os olhos, confuso, mas prosseguiu. — E o que foi que o Sr. Weaver disse?

— Ele disse: «É isto que acontece àqueles que enfurecem o homem a quem chamam Johnson.» Foi isso que ele disse. Tão claro como o dia. *Johnson*. Foi esse o nome que ele disse.

Eu não tinha noção de quem fosse este Johnson e, aparentemente, nem Antsy. Abriu a boca para dizer qualquer coisa mas depois pensou melhor no assunto, e afastou-se anunciando que não tinha mais perguntas a fazer enquanto retomava o seu lugar.

— Johnson — repetiu Spicer.

O juiz Rowley voltou-se para mim. — Sr. Weaver, deseja colocar alguma pergunta à testemunha?

— Estou encantado por saber que o Sr. Spicer está na lista de testemunhas que eu posso, de facto, interrogar — disse eu. Arrepen-

di-me das palavras assim que as proferi, mas estas arrancaram uma gargalhada geral da assistência e eu fiquei de algum modo confortado com isso. Rowley mostrara-se preconceituoso em relação a mim, mas eu ainda era suficientemente tolo para acreditar que a sua posição se alterasse em breve. Durante a semana que passara na prisão, fora-me dada pouca oportunidade de indagar acerca da morte de Yate, mas conseguira pedir ao meu bom amigo Elias Gordon que circulasse pela cidade e fizesse as perguntas no meu lugar, e estava completamente confiante que o que havíamos descoberto depressa poria um final a esta farsa.

Olhei para o lado das galerias onde Elias estava sentado e ele anuiu ansiosamente com a cabeça, o seu rosto afilado enrubescido de prazer. Estava na altura de aplicar o golpe final contra aquela desgraça para a justiça.

Levantei-me do meu lugar, limpei o gelo do casaco e aproximei-me da testemunha. — Diga-me, Sr. Spicer. Conhece um homem de nome Artur Groston?

Talvez eu esperasse que Spirit Spicer corasse ou empalidecesse ou tremesse. Ele poderia aguentar-se e negar conhecer Groston, e nesse caso eu teria que o pressionar até ele confessar. Mas Spicer não pensou em resistir nem, se a sua expressão fosse indicativa dos seus sentimentos, sentiu qualquer ponta de vergonha. O seu sorriso fácil e aberto sugeria a todos uma pessoa apenas interessada em agradar a qualquer um que tivesse a delicadeza de lhe fazer uma ou duas perguntas. — Sim, conheço o Sr. Groston. Encontrei-me com ele mais de uma vez.

A facilidade da sua admissão desorientou-me, mas eu prossegui à mesma. — E alguma vez ele lhe ofereceu dinheiro para fazer um serviço?

— Sim, ofereceu. O Sr. Groston é extremamente generoso, e faz questão de olhar por mim por conta do primo dele ser amigo da minha mãe, senhor. Ele acredita em tomar conta da família, senhor, assim como a minha família acredita, e foi por isso que me ajudou.

Eu sorri para o rapaz. Éramos todos amigos ali. — Como descreveria o serviço que o Sr. Groston lhe pediu?

— Descreveria como generoso e amável — disse Spicer. A assistência começou a rir e Spicer abriu um largo sorriso, imaginando-se o querido da multidão em vez do seu palhaço.

— Permita-me que lhe ponha de outro modo a questão — disse eu.

Antsy levantou-se lentamente. — Excelência, o Sr. Weaver está a fazer o tribunal perder tempo com esta testemunha. Peço que a libere.

Rowley demorou um instante a considerar o pedido de Antsy, e eu acredito que ele tivesse agido em concordância, mas a multidão, presentindo a resposta, começou a assobiar. Começou com suavidade, mas depressa aumentou fazendo com que o Tribunal do Rei parecesse um tribunal de serpentes. Desta vez não houve carços de maçã; talvez tenha sido isso que enervou o juiz. O barulho carregava a ameaça de uma tempestade que se aproxima. Não estando disposto a arriscar um motim, Rowley disse que eu podia continuar mas avisou que eu parasse com a minha vagarosa abordagem pois havia outros homens que aguardavam julgamento naquele dia.

Recomecei. — Deixe-me ser directo — disse eu a Spicer — para que o juiz não se inquiete. Que seja do seu conhecimento, alguma vez o Sr. Groston pagou a pessoas para testemunharem em julgamentos?

— Claro. Ele é um mediador de testemunhas. Que mais poderia fazer?

Sorri. — E Artur Groston deu-lhe dinheiro para dizer que me tinha visto atacar e matar Walter Yate?

— Sim, senhor — disse Spicer, acenando energicamente com a cabeça. — E já me pagou noutras alturas para eu dizer coisas semelhantes em ocasiões semelhantes a esta, mas nunca me tinha pago tanto como a meia coroa que me deu para eu dizer o que disse há pouco.

Os espectadores murmuraram ruidosamente. Ali estava uma cena que eles nunca tinham esperado. Num só instante eu destruíra completamente a acusação. O meu tio e tia deram as mãos e sorriram triunfantes. Elias retesou-se no assento para evitar levantar-se e fazer um movimento de agradecimento, pois fora a sua dedicação que nos levava a descobrir este facto. A mulher do cabelo louro bateu palmas de alegria.

— Então, — olhei para os jurados, indo ao encontro do olhar de cada um — está a dizer-nos, Sr. Spicer, que nunca me viu realmente fazer mal a Walter Yate, mas que o disse apenas porque foi pago para isso por um notável mediador de testemunhos?

— É isso — disse Spicer. — Sem tirar nem pôr, como se costuma dizer.

Lancei os braços para o alto num gesto trocista de exasperação. — Porque é que, tendo sido pago para dizer que me viu matar o Sr. Yate, admite agora que nunca viu tal coisa? — perguntei.

Spicer demorou um pouco a descortinar esta questão. — Bem, — sugeriu ele — eu fui pago para dizer que vi algo, mas nunca fui pago para dizer que não vi. Desde que dissesse que tinha visto, fazia o que era suposto fazer.

Tendo passado alguns anos a trabalhar para o público enquanto

lutador, eu conhecia um pouco o ritmo do espectáculo, por isso deixei as palavras no ar por uns instantes antes de prosseguir. — Diga-me, Sr. Spicer, — disse eu, depois de sentir que a pausa já tinha sido suficiente, — nunca ouviu falar de perjúrio?

— Claro que sim — disse ele alegremente, apontando para o júri. — Ali estão eles.

— *Perjúrio* é um crime — expliquei quando as gargalhadas já tinham diminuído. — É o crime de jurar dizer a verdade num julgamento e depois mentir. Não pensa ser culpado desse crime?

— Oh, não. — Abanou uma mão com desdém. — O Sr. Groston explicou-me. Ele disse que não é mais crime do que é blasfémia um actor falar contra Deus, se o fizer enquanto actua num palco. É só isso.

Como eu já terminara o interrogatório, Antsy aproximou-se para interrogar Spicer novamente. — Viu o Sr. Weaver matar Walter Yate?

— Sim, vi! — anunciou ele alegremente. Depois olhou para mim, como se esperasse que eu o interrogasse para me poder dizer novamente que não tinha visto.

Antsy trouxe então outra testemunha ocular: um homem na casa dos cinquenta chamado Clark, que também afirmou ter-me visto cometer o crime. Quando tive oportunidade de o contra-interrogar, ele resistiu um pouco mais do que o jovem Sr. Spicer, mas acabou por admitir que fora pago pelo mediador de testemunhos, Artur Groston, para dizer que tinha visto o que não tinha. Eu tinha todos os motivos para lamentar o facto de um réu não poder convocar testemunhas, pois gostaria muito de saber quem pagara a Groston para garantir este testemunho. Mas a informação que eu obtivera, acreditava eu, correspondia sobejamente aos meus propósitos e haveria tempo de sobra para Groston depois. A Coroa não tinha quaisquer provas contra mim a não ser duas testemunhas oculares, homens que haviam admitido não ter visto nada para além do dinheiro nas mãos.

E assim, ao olhar para a mulher de cabelos louros, pensei estar salvo. Antsy cumprira brilhantemente o seu trabalho, provando que a idade não constituía necessariamente um obstáculo para qualquer homem que mantivesse uma ambição jovial, mas os depoimentos contra mim tinham sido desmascarados. Não obstante, quando chegou a altura do juiz se dirigir ao júri, percebi que havia sido excessivamente optimista e que confiara demais no fantasma chamado *verdade*.

— Ouviram muitas coisas, — disse o honorável Piers Rowley aos jurados, — e também muitas coisas de natureza contraditória. Ouviram testemunhas dizerem que viram algo e depois, como se fosse um truque feito por um *entertainer* cigano, ouviram-nas dizer o contrário. Devem

decidir como melhor decifrar este enigma. Como não vos posso dizer como o devem fazer, só posso dizer que talvez não haja mais motivos para acreditar num conto refutado do que num conto declarado. Não podem saber se estas testemunhas foram pagas para dizer que viram alguma coisa ou pagas para dizer que não. Não tenho conhecimento de mediadores de testemunhos, mas sei da existência de judeus desprezíveis e dos embustes que pagam para assegurar a sua liberdade. Eu sei que um mentiroso poderá perfeitamente pagar dinheiro honesto para tornar desonestos outros homens. Espero que não se deixem enganar por trapaças tão mesquinhas nem exponham os homens, mulheres e crianças cristãos de Londres à acção destrutiva de uma nação gananciosa que poderá vir a acreditar que nos pode assassinar impunemente.

E assim os jurados ausentaram-se para tomarem a sua decisão.

ESTE CORPO AUGUSTO regressou menos de meia hora depois.

— Qual é o vosso veredicto? — perguntou o juiz Rowley.

O presidente dos jurados levantou-se devagar. Retirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo húmido e fino. — Consideramos o Sr. Weaver culpado de homicídio, tal como Vossa Excelência disse. — O homem nunca ergueu o olhar.

A multidão soltou um grito. Não consegui perceber imediatamente se de alegria ou de indignação, mas depressa constatei com alguma satisfação que haviam tomado as minhas dores. Mais uma vez, voou lixo pelo ar. Os homens estavam levantados a gritar e mencionavam injustiça, papismo e absolutismo.

— Tem alguma coisa a dizer antes de ser lida a sentença? — perguntou-me o juiz. Parecia ansioso por continuar com o seu trabalho e o acabar o mais rapidamente possível, sem se dar ao trabalho de repor a ordem. Devo ter ficado a pensar um instante demasiado longo na sua pergunta, pois ele bateu com o martelo e disse: — Então, muito bem. Dadas a gravidade e crueldade deste crime, não vejo qualquer motivo para brandura; não quando há tantos judeus nesta cidade. Não posso ficar do seu lado e dar a minha aprovação, dizendo aos membros da sua raça que podem matar cristãos a seu bel-prazer. Condeno-o à morte por enforcamento, Sr. Weaver, pelo mais hediondo crime de assassinato. Este castigo terá lugar no próximo dia de execuções, daqui a seis dias. — Bateu novamente com o martelo, levantou-se e saiu do tribunal ladeado por um quarteto de beaguins.

Em poucos instantes, dois desses notáveis estavam do meu lado para me conduzirem de volta à prisão de Newgate. Embora a minha morte tivesse acabado de ser decretada, os meus primeiros pensamentos

não foram sobre o terror de encarar a eternidade mas sobre a indignidade de ser levado por aqueles insolentes.

E então, subitamente, a enormidade do que acontecera abateu-se sobre mim. Eu fora condenado por assassinato e condenado à morte. Cometera crimes durante a minha vida – e crimes merecedores de força também – mas a injustiça desta condenação pôs-me tonto de raiva. Nos bancos, o meu amigo Elias Gordon gritava que esta injustiça não iria por diante. O meu tio chamou-me e disse que usaria toda a sua influência para intervir em meu favor. Mas as suas palavras pareciam zunidos distantes aos meus ouvidos. Ouvia-os mas não os ouvia.

Senti os oficiais de justiça arrastarem-me, agarrando firmemente cada um dos meus braços. Os meus músculos começaram a retesar, e por um instante pensei em tentar a fuga. Porque não? Era mais forte que aqueles homens. Que direito tinha a justiça sobre mim, agora que abusara tanto de mim?

Mas de repente lá estava ela, mesmo à nossa frente, a mulher do cabelo louro. O seu bonito rosto estava agora vermelho e sofredor. As lágrimas brotavam-lhe dos olhos. — Oh, Benjamin, — gritou ela, — não me deixes! Morrerei sem ti!

Este desfecho parecia-me pouco provável, já que ela sempre vivera sem mim até àquele momento, e esse facto não fizera mais do que deixá-la saudável e com bom aspecto. Contudo, não se podia negar facilmente a força da sua emoção. Atirou-se a mim, pôs os braços à volta do meu pescoço e cobriu-me a cara de beijos.

Eu teria ficado encantado por receber as atenções de uma mulher tão distinta noutras circunstâncias – circunstâncias, digamos, que não envolvessem o facto da minha morte ter acabado de ser decretada pela justiça –, mas naquele momento só pude olhar estupefacto. A mulher, depois de afastada pelos beaguins, começou a chorar e a falar de injustiça. Depois voltou-se graciosamente, um movimento natural que qualquer acrobata na Feira de S. Bartolomeu decerto invejaria. Os seus seios cremosos, fartamente expostos pelo animador decote do corpete, roçaram nas mãos de um dos guardas.

Distraído, encantado e talvez também desconfortável, o beaguim parou a meio do movimento e corou. A mulher também pareceu parar. Inclinou-se apenas o suficiente para tocar com a pele na mão do oficial. O beaguim olhou para a mão e na pele que acabava de tocar. O seu colega também olhou, invejando o facto do destino ter determinado que seria aquela mão menos merecedora a tocar no busto da senhora. Naqueles instantes de confusão, ela, com a destreza de um carteirista, enfiou alguma coisa na minha mão. Algumas coisas, devo dizer, pois pude

imediatamente perceber que eram dois objectos, e pude ouvir o som claro da sua música quando tocaram um no outro: frio e rijo e afiado.

Não precisei de olhar para saber o que eram. Já sentira objectos destes e, na realidade, usara-os da forma mais abominável nos meus verdes anos quando exercia o meu negócio à margem da lei: uma gazua e uma lima.

Os acontecimentos dos últimos dias haviam ocorrido de forma tão rápida e estranha que eu achava que não tinha compreendido quase nada, mas agora tinha a certeza absoluta de duas coisas. Sabia que alguém queria desesperadamente ver-me condenado e sentenciado à forca, e que para atingir esse objectivo a lei tinha sido cruelmente violada.

E, com a mesma certeza, que alguém me queria livre.



COMO É QUE EU CHEGARA a esta terrível situação? Não conseguia sequer começar a vislumbrar esta convulsão, mas sabia que as minhas dificuldades estavam de algum modo relacionadas com os serviços que me tinha comprometido a prestar a Christopher Ufford, um padre da Igreja Anglicana ao serviço da Igreja de São João Baptista em Wapping.

Perdido na melancolia que se instalara em mim desde que Miriam se casara com um cavalheiro inglês cristão, eu negligenciara um pouco os negócios. Durante alguns meses praticamente não trabalhei de todo, preferindo passar o tempo a beber e na devassidão – ou então em simples contemplação – e por vezes uma combinação de tudo. Por isso, quando recebi uma mensagem deste clérigo, no mesmo dia em que recebi três recados urgentes dos meus credores, resolvi fazer o que já pensava fazer há muitos meses – ou seja, agitar o meu estupor e voltar ao trabalho. Vesti um fato escuro e uma camisa lavada. Lavei a sonolência do rosto, preni o cabelo, que usava com rabo-de-cavalo, aluguei uma carruagem e dirigi-me a York Street, onde Ufford desejava encontrar-se comigo.

Resolvi pôr em andamento a ideia que tivera naquela manhã de, mais de trinta e cinco anos depois, passar as minhas façanhas para o papel, mas se eu tivesse estado assim tão consciente poderia ter reparado nos arruaceiros que me cercaram assim que desci da carruagem em Westminster. Eram quatro indivíduos que me rodearam sorrindo desdenhosamente. Pensei que não seriam mais do que alguns dos inúmeros ladrões que assombravam as ruas desde que a Companhia do Mar do

Sul falira, levando com ela a riqueza da nação. Mas estes eram um tipo diferente de criminosos.

— O que és? *Whig* ou *tory*? — perguntou-me o maior, e muito provavelmente o mais bêbado, dos quatro.

Eu sabia que a época eleitoral de seis semanas de duração estava quase a chegar, e os candidatos faziam muitas vezes sondagens prévias organizando festas em tabernas onde homens de origem humilde como estes, homens que certamente não teriam direito a voto, podiam beber até cair para o lado. A razão para a generosidade dos políticos era bastante simples: esperavam que os seus convidados desconhecidos pudessem avançar e comportar-se tal como estes tipos se comportavam agora, como rudes advogados da sua causa.

Como ainda era bastante cedo, supus que estes homens ainda não tivessem dormido. Olhei para eles, com os seus rostos por barbear e as roupas desgastadas, e tentei avaliar a sua capacidade para me fazerem mal.

— E tu? — perguntei eu de volta.

O líder deu uma gargalhada que mais pareceu um latido. — Porque é que eu havia de te dizer?

Retirei do bolso uma das duas pistolas que trazia sempre comigo e apontei a arma à cara do homem. — Porque tu começaste a conversa, e eu só quero perceber o nível do teu interesse.

— Perdão, senhor — disse ele, sobrevalorizando grandemente a minha posição. Retirou o chapéu e, colocando-o frente ao peito, começou a dobrar-se como um turco.

Eu não aceitaria nenhuma bajulação destas. — De que partido és tu? — perguntei outra vez.

— Dos *whigs*, senhor — disse outro dos homens. — Que mais poderíamos ser senão *whigs*, pois somos apenas trabalhadores e não grandes senhores, como vossa excelência, para sermos *tories*. Estivemos numa taberna com bebida paga pelo Sr. Hertcomb, o *whig* por Westminster. Por isso agora somos *whigs*, e ao serviço dele. Não queríamos fazer-lhe mal.

Eu não sabia nada, nem queria saber, acerca de *whigs* ou *tories*, embora percebesse o suficiente para saber que seriam os *whigs*, o partido da nova riqueza e pequena Igreja, os mais dispostos a atrair homens como estes.

— Desapareçam — disse eu, oscilando a pistola. Eles fugiram numa direcção, eu caminhei na outra. Num instante eu já me esquecera do encontro, e a minha mente voltou-se para o compromisso com Ufford.

Conheci muito poucos padres na minha vida, mas através da lei-

tura guardava a ideia de pequenos homens dignos vivendo em chalés bem cuidados mas comuns. Fiquei surpreso ao ver a pródiga casa cidadina na qual Ufford residia. Os homens que procuram fazer carreira na Igreja têm tendência a ser pessoas sem perspectivas, seja por as suas famílias não terem muito dinheiro ou por serem os filhos mais novos, sendo por isso excluídos da herança pelas leis restritivas e costumes da terra. Mas ali estava um padre que se apossara de uma rica casa numa rua badalada. Não sabia quantos quartos possuía, nem de que natureza, mas depressa descobri que a cozinha era da melhor qualidade. Quando bati à porta da frente, um criado de rosto avermelhado disse-me que eu não podia entrar por ali.

— Tem que entrar pelas traseiras — disse-me ele.

Fiquei bastante irritado com este tratamento e pensei comentar desagradavelmente as suas ordens, mas os seus modos, embora não comuns, eram algo que já tinha encontrado antes. Talvez o vinho excessivo que eu ingerira na noite anterior me tivesse tornado mais susceptível à irritabilidade. Contudo, pus de lado a minha indisposição e dirigi-me à entrada lateral onde uma mulher corpulenta, com braços tão grossos como as minhas pernas, me conduziu a uma ampla mesa fixa a um canto. Já lá se encontrava sentado um sujeito de classe inferior, não velho mas envelhecendo deselegantemente, de semblante acinzentado, sem peruca, sem nada na sua quase calva cabeça a não ser um chapéu de palha de aba larga. As suas roupas eram do tipo mais simples de linho não tingido, embora claramente novo, adornadas apenas com o crachá de estanho de carregador que usava preso do lado direito do peito. Não sei dizer porquê, já que não conhecia o homem, mas tive imediatamente a clara impressão de que Ufford lhe comprara aquelas roupas, e muito recentemente – talvez para aquela ocasião.

Em poucos instantes, um outro homem, usando um casaco preto e uma gravata branca – um estilo que reconheci como sacerdotal – entrou disfarçadamente na cozinha como se quisesse dar uma espreitadela na divisória de uma casa onde era convidado. Quando cruzou o meu olhar, sorriu brevemente. — Benjamin — gritou com grande afectuosidade, embora nunca nos tivéssemos encontrado antes. — Entre, entre. Estou muito contente por ter vindo tal como lhe pedi, e ainda por cima tão rapidamente. — Era um homem alto, com tendência para ser gorducho, se não gordo, e tinha um rosto encovado que se assemelhava a uma lua crescente. Usava uma peruca presa atrás, nova e cuidadosamente empoadada.

Arrepiei-me um pouco, admito, ao ouvir o meu nome mencionado de forma tão inesperada. Eu nunca tinha visto aquele homem na vida,

e não tinha qualquer motivo para esperar tanta familiaridade. Suspeitava que se me dirigisse a ele chamando-lhe Christopher, ou talvez Kit, ele não ficaria muito agradado.

— Sinto-me honrado por poder ser-lhe útil, senhor — disse eu, fazendo uma vénia pouco acentuada.

Ele fez um gesto na direcção da mesa. — Venha, sente-se. Sente-se. Oh, claro. Onde foram parar as minhas maneiras? Benjamin, este companheiro é John Littleton. Vive na minha paróquia e já beneficiou da bondade da Igreja. No entanto, mais do que isso, ele conhece a paróquia e o tipo de homens que lá moram. Ele foi-me muito útil nos últimos dias, e eu pensei que você também o poderia ser.

Virei-me para estender a minha mão ao *companheiro*, como o padre queria, num gesto de amizade.

Ele aceitou-a ansiosamente, talvez aliviado por ver que eu tinha de alguma forma um temperamento mais aberto que o nosso anfitrião. — Como vai — disse ele alegremente. — Benjamin Weaver, já o vi lutar. E mais de uma vez. Vi-o dar cabo daquele irlandês Fergus Doyle, e também o vi derrotar o tipo francês, mas não me recordo do nome dele. Mas o melhor combate que já vi, deixe-me dizer-lhe, senhor, foi aquela vez em que lutou contra Elizabeth Stokes. Ela era uma belíssima lutadora, para mulher. Já não se fazem mulheres como ela.

Sentei-me ao lado de Littleton. — A triste verdade é que a arte do pugilismo está a atravessar tempos difíceis entre as senhoras. Agora não passa de um desporto feminino, e os combates são feitos com moedas fechadas dentro das mãos para garantir que não arranham os olhos umas das outras. A primeira a abrir as mãos o suficiente para deixar cair a moeda, perde a partida.

— Que desagradável. Aquela Elizabeth Stokes sabia aplicar um golpe ou dois. — Voltou-se para Ufford. — Uma rapariga cruel, aquela; manhosa como um rato sem pernas e rápida como um italiano oleado. Pensei que derrotaria certamente aqui o Sr. Weaver.

— Ela acertou-me com alguma violência — disse-lhe eu alegremente. — Foi essa a dificuldade que senti muitas vezes quando tive que lutar com senhoras. Se perdesse, seria humilhado, mas quando ganhava não havia qualquer glória nisso pois não fizera mais do que bater numa mulher. Deveria ter-me recusado simplesmente a fazê-lo, mas lutas daquelas atraíam sempre muito público. Os que organizavam os combates dificilmente conseguiriam arranjar algo mais lucrativo, e o mesmo acontecia com os lutadores.

— Eu só gostava que as raparigas tivessem que se despir até à cintura como os homens. Penso que isso daria um bom espectáculo, com as

suas mamas a balançarem para cima e para baixo. Com o seu perdão, Sr. Ufford — acrescentou ele.

A pele rosada de Ufford avermelhou. — Bem, — disse ele, esfregando as mãos como se se preparasse para transportar uma pilha de lenha, — que tal um aperitivo antes de entrarmos no cerne da questão? O que me diz, Sr. Weaver? Posso oferecer-lhe uma cerveja preta? É o tipo mais apreciado pelos homens de trabalho árduo.

— Ultimamente não tenho trabalhado tão arduamente como deveria, — disse-lhe eu — mas, de qualquer forma, gostaria de uma cerveja. — A minha cabeça doía de uma forma intensa devido ao vinho da noite anterior e, à falta de uma bebida de salepo e sassafrás, a cerveja vinha mesmo a calhar.

— Pensei que ele nunca mais perguntava — disse-me Littleton em voz baixa, como se me estivesse a dizer um segredo. — Quase morri de sede mais de uma vez enquanto esperávamos por si.

Ufford tocou a campainha e a criada de braços maciços entrou na cozinha. Não tinha mais que dezasseis anos, uma estatura algo inclinada, e da sua cara só posso dizer que a Natureza não tinha sido muito generosa com ela. Mas parecia ser uma rapariga alegre e sorriu agradavelmente para todos nós. Ouviu as instruções de Ufford e depois regressou num instante com canecas de estanho cheias com cerveja quase sem espuma.

— Bem, — disse Ufford juntando-se a nós na mesa. Estendeu uma bela caixa-de-rapé de osso de baleia. — Algum de vós está interessado num pouco? — perguntou.

Littleton abanou a cabeça. — Prefiro o meu cachimbo. — Pegou no objecto mencionado e começou a enchê-lo com erva que retirou de uma pequena bolsa de couro.

— Lamento ter de lhe pedir que se contenha na minha presença — disse Ufford. — Não consigo suportar o cheiro de tabaco queimado. É nocivo e pode provocar incêndios.

— Ai sim? — perguntou Littleton. — Bom, então ponho-o de lado.

Talvez para demonstrar a sua superioridade, Ufford fez uma exibição exagerada da inalação de rapé. Retirou um pouco de pó com o polegar e o indicador, e depois inalou-o com grande furor com cada uma das narinas. De seguida esfregou o nariz e espirrou três ou quatro vezes. Por fim, pôs o lenço de lado e olhou para nós como se quisesse mostrar que não tinha qualquer vestígio de rapé na cara.

Eu sempre achara o processo ritualizado da inalação de rapé extremamente entediante. Os homens faziam grandes exhibições para ver quem conseguia aspirar com mais força, quem conseguia espirrar de

forma mais limpa, quem tinha as narinas com melhor formato. Ufford fizera claramente uma boa exibição, mas a sua assistência não era a mais acertada para apreciar a sua arte.

Tossiu nervosamente e depois segurou num copo de vinho com um reluzente pé de prata. — Suponho que esteja curioso para saber que tarefa desempenhará para mim, certo?

— Decerto que estou ansioso para saber do que necessita — disse-lhe eu, tentando ao máximo demonstrar confiança. Tendo passado alguns meses a fugir às minhas responsabilidades, as roldanas da minha actividade de caça-ladrões estavam a precisar de lubrificação.

Olhei para Littleton. Ele só tinha olhos para o copo de cerveja que se esvaziava rapidamente, e a sua concentração permitiu-me examiná-lo livremente. Pensei reconhecê-lo de algum outro local, mas não consegui lembrar-me de onde e isso pôs-me bastante inquieto.

— Temo encontrar-me numa situação um pouco complicada — começou Ufford. — Uma situação bastante desconfortável que não posso resolver sem ajuda, e não com qualquer tipo de ajuda, como verá. Já preguei muitas vezes na minha igreja. Ah, já me esquecia. Como hebreu, talvez não esteja familiarizado com os procedimentos no interior de uma igreja. Sabe, durante a nossa veneração é habitual o padre fazer um longo discurso — bem, não demasiado longo, espero — durante o qual fala de temas religiosos e morais que pensa serem relevantes para a sua congregação.

— Estou familiarizado com o conceito do sermão, Sr. Ufford.

— Claro, claro — disse ele, parecendo um pouco desiludido por eu o ter desviado da tarefa de definição. — Eu sabia que sim. De qualquer modo, nos últimos meses tenho pregado acerca de um assunto que me é muito querido, e muito querido aos meus paroquianos, que são maioritariamente trabalhadores dos mais baixos escalões da actividade laboral. Homens, como compreenderá, que vivem semana a semana dos seus salários e para quem a perda do pagamento de alguns dias de trabalho, ou uma doença inesperada que exija pagamento a um médico, poderia trazer a ruína total. Tomei a causa deles como minha, e sou seu porta-voz. Já falei pelos direitos dos trabalhadores desta cidade, para que ganhem um salário decente que lhes permita suportar as suas famílias. Já falei contra a crueldade daqueles que mantêm os seus trabalhadores num tal estado de pobreza que o fascínio do dinheiro fácil recorrendo a crimes abomináveis e ao pecado da prostituição, e o esquecimento provocado pelo álcool, conspiram para os destruir; o corpo e a alma; sim, o corpo e a alma. Já falei claramente contra estas coisas.

— Atrevo-me a dizer que fala agora contra elas — observei.

Mais uma vez, Ufford surpreendeu-me ao ser de tão boa índole. Riu-se e bateu-me amigavelmente no ombro. — Deve desculpar-me se eu falo um pouco demais, Benjamin, mas no que diz respeito aos pobres e ao seu bem-estar nunca falo demasiado.

— E é de facto admirável por isso, senhor.

— É apenas o meu dever cristão. E um que eu gostaria de ver outros da minha igreja abraçarem. Mas, como digo, tomei como minha a causa dos pobres e falei sobre as injustiças que enfrentam. Pensei que estava a fazer algo que é justo, mas descobri que há quem não goste da minha mensagem, até entre as ordens inferiores; os mesmos homens que eu me esforço por ajudar.

Ufford pôs a mão dentro do casaco e retirou um pedaço de papel amarrotado.

— Poderei ler-lhe isto, Benjamin?

— Tenho estudos — disse-lhe eu, enquanto me concentrava com grande intensidade para esconder a minha irritação. Não era frequente pensarem que eu tinha tão pouca instrução a ponto de ser analfabeto.

— Claro. A sua raça é bastante estudiosa, eu sei.

Entregou-me o papel, que estava escrito com uma letra grosseira e desigual:

Sr Uforde,

Raios o queimem sua ovelha negra e ranhoza. Ninguém se rala em ouvir nenhuma da sua conversa da treta por isso esteja calado ou descobrirá que há quem saberá como o calar queimando a sua casa ou se a pedra não pegar fogo cortando a sua guela para que sangue como porco que é. Não quero mais discursos sobre os pobres ou saberá o que são os pobres e o que podem fazer e será a ultima coisa que saberá antes de ir para o inferno seu porco. Já foi avizado uma vez e não será mais outra.

Pousei o bilhete. — Já ouvi homens da minha religião apresentarem discursos com os quais eu não estava totalmente de acordo. No entanto, esta reacção parece-me excessiva.

Ufford abanou tristemente a cabeça. — Não consigo exprimir o choque que senti ao receber isto, Benjamin. O facto de eu, que decidi agora dedicar a minha vida a ajudar os pobres, poder ser injuriado por qualquer um deles, independentemente dos poucos que sejam, é para mim uma grande decepção.

— E deve ser um pouco assustador também — sugeriu Littleton.

— Toda a conversa de fogo e cortar da garganta. É suficiente para pôr um homem à beira de um ataque de nervos. Se fosse eu, corria a esconder-me na adega como uma criança assustada.

Era de facto suficiente para alarmar Ufford. O padre corou e mordeu os lábios. — Sim. Sabe, Benjamin, o meu primeiro pensamento foi que se as pessoas se opõem tão veementemente aos meus sermões, talvez eu não devesse continuar a falar por elas. Afinal de contas, eu posso ter algo a dizer mas não me considero tão original que me deva colocar em risco pelas minhas ideias. Mas depois, quando reflecti um pouco mais, pensei se essa não seria a saída de um covarde. Seria muito mais honroso, pensei, descobrir quem está por detrás deste bilhete e levá-lo perante a justiça. Desnecessário será dizer que não pregarei sobre este assunto até o caso estar resolvido. Seria, segundo me parece, imprudente.

De imediato, comecei a sentir o descongelamento da maquinaria do meu negócio. Pensei numa dúzia de homens que poderia inquirir. Pensei nas tabernas que pediam visita, nos pedintes que pediam interrogatório. Havia muito a fazer ao serviço de Ufford, e eu sentia-me deseioso por entrar em acção — não pela saúde dele, mas pela minha.

— Tratando do assunto de forma adequada, não será difícil descobrir o autor — disse-lhe eu. A certeza na minha voz animou-nos aos dois.

— Oh, isso é muito bom, mesmo muito bom. Disseram-me que seria o homem a procurar nestes casos. Se eu soubesse quem enviou o bilhete, e quisesse apenas a sua detenção, constou-me que deveria procurar Jonathan Wild. Mas dizem que é você quem consegue descobrir gente que ninguém sabe aonde está.

— Sinto-me honrado com a sua confiança. — Eu senti, devo admitir, algum prazer ao ouvir as suas palavras, pois as capacidades que ele me atribuía tinham sido difíceis de conquistar. Eu aprendera uma ou outra coisa durante os meus esforços para descobrir quem matara o meu pai e como a sua morte estaria relacionada com os grandes mecanismos financeiros que conduzem esta nação. Descobrira principalmente que a filosofia por detrás da sua monstruosa finança, chamada *teoria das probabilidades*, era da maior utilidade para o caça-ladrões. Até ter conhecimento dela, não sabia como detectar um vilão a não ser através de testemunhos ou arrancando confissões. Através do emprego das probabilidades, eu descobrira como especular baseando-me em quem seria o criminoso mais provável, qual seria o motivo mais provável e como um velhaco desse tipo teria perpetrado os seus actos. Com esta nova e maravilhosa maneira de pensar, eu fora capaz de deter tratantes que de outro modo poderiam ter escapado às garras da justiça.

— Deve estar a pensar porque é que pedi ao John que se juntasse a nós — disse Ufford.

— Já pensei — concordei eu.

— John é uma pessoa que conheci durante o meu trabalho com os pobres da minha paróquia. E ele conhece realmente o tipo de pessoas que poderão ter enviado este bilhete. Pensei que ele poderia dar algum tipo de orientação enquanto você explora os covis dos desafortunados que habitam Wapping.

— Não gosto de me envolver em coisas deste tipo, — disse-me Littleton, — mas o Sr. Ufford já fez alguma caridade, e eu devo retribuir como puder.

— Bom. — Ufford acabou de esvaziar o copo e levantou-se da mesa. — Acho que terminámos. Dar-me-á notícias à medida que o trabalho for progredindo, claro. E se tiver alguma dúvida, espero que me envie um recado e nós combinaremos o local e hora apropriados para discutir o assunto.

— Não pensa quais serão os meus honorários para executar estes serviços? — perguntei.

Ufford riu e mexeu nervosamente num dos botões do casaco. — Claro, penso que requeira alguma coisa. Bem, quando tiver terminado voltaremos a falar do assunto.

Era assim que os homens na posição de Ufford estavam acostumados a pagar a negociantes. Não faziam quaisquer perguntas até o trabalho estar acabado, e depois pagavam o que quisessem quando quisessem — ou então não pagavam. Quantas centenas de carpinteiros e ferreiros e alfaiates haviam ido para o túmulo paupérrimos enquanto os ricos que serviam os roubavam abertamente e de forma legal? Eu não aceitaria tal tratamento.

— Solicito cinco libras, Sr. Ufford, a pagar de imediato. Se os meus trabalhadores precisarem de mais de quinze dias, necessitarei de mais, e nessa altura poderá informar-me se está satisfeito com o trabalho para pagar o que peço. No entanto, é minha experiência que se não conseguir descobrir este tipo em quinze dias, é provável que já não o descubra.

Ufford largou o botão e lançou-me um olhar severo. — Cinco libras é muito dinheiro.

— Eu sei — disse eu. — É por isso que o quero.

Ufford aclarou a voz. — Devo informá-lo que não estou habituado a pagar serviços antes de estes estarem terminados, Benjamin. Não é muito respeitoso de sua parte pedir-me que o faça.

— Não tenho intenção de ser nem desrespeitador nem rude. É apenas a forma como conduzo os meus negócios.

Ufford deu um suspiro. — Muito bem. Pode regressar amanhã ao final da tarde. O meu assistente, Barber, entregar-lhe-á uma bolsa. Entretanto, vocês, rapazes, terão decerto muito a discutir e podem ficar aqui o tempo que quiserem desde que não ultrapassem uma hora.

Littleton, que estivera ocupado a olhar para a sua caneca de cerveja, olhou para cima. — Não somos rapazes — disse ele.

— Desculpe?

— Eu disse que não somos rapazes. O senhor não é muito mais velho que Weaver, e eu sei que tenho idade suficiente para ser seu pai, desde que tivesse iniciado a minha vida sexual bastante cedo. Que foi o que aconteceu, caso esteja a interrogar-se. Então não somos rapazes, pois não?

Ufford respondeu com um ténue sorriso, tão condescendente que era mais cruel que qualquer censura. — Tem toda a razão, John. — Levantou-se e deixou-nos a sós.

NO DECORRER DA NOSSA CONVERSA, lembrei-me de onde conhecia o nome de Littleton. Menos de dez anos antes, ele ganhara uma fama indesejável como principal agitador entre os trabalhadores do Estaleiro Naval de Deptford. O caos originado pela sua associação laboral originara bastantes artigos nos jornais.

Os trabalhadores do estaleiro estavam acostumados a levar para casa os pedaços de madeira que sobravam das serrações e que não eram utilizados, aos quais chamavam *aparas*, que depois vendiam ou negociavam. O valor das aparas constituía uma parte significativa dos seus salários. Enquanto Littleton trabalhava no estaleiro, a Casa Naval chegara à conclusão de que havia muitos trabalhadores a levar toros de madeira, depois de os cortarem em pequenos pedaços, o que perfazia uma considerável fortuna todos os anos. Foi dada de imediato a ordem: os trabalhadores já não podiam levar aparas do estaleiro, mas não lhes foi oferecido qualquer aumento no ordenado para compensar a perda. Num golpe feito para reduzir a fraude, a Casa Naval reduziu drasticamente a receita dos seus trabalhadores e poupou uma grande quantia de dinheiro.

John Littleton estivera entre os mais vocais no protesto a esta decisão. Fez uma reunião de trabalhadores no estaleiro, e juntos declararam que se não voltassem a ter as suas aparas o estaleiro ficaria sem trabalhadores. De um modo provocatório, juntaram as aparas como costumavam fazer, puseram-nas às costas e saíram, passando por um grupo de homens da Casa Naval a quem vaiaram e injuriaram. É por esta razão que, tantos anos depois, quando um trabalhador é atrevido com os seus superiores, se diz que «*carrega uma apara ao ombro*».

No dia seguinte, quando Littleton e os seus companheiros tentaram sair com os seus bens, encontraram mais do que um grupo de funcionários rudes. Encontraram, em vez disso, um grupo de rufias pagos pela Casa Naval para tornar não lucrativo o atrevimento dos trabalhadores. Foram espancados e retiraram-lhes as aparas para os rufias venderem como quisessem. Escaparam todos com pouco mais do que ferimentos no corpo e cabeças partidas – todos menos John Littleton, que foi arrastado de volta aos estaleiros e espancado de forma impiedosa antes de ser amarrado a uma pilha de madeira e abandonado durante quase uma semana. Se não tivesse chovido antes de ter sido encontrado, teria morrido de sede.

Este incidente foi recebido com grande indignação por parte da população, mas sem quaisquer consequências para os atacantes de Littleton – sem consequências, isto é, além de ter posto um ponto final na rebelião contra o Estaleiro Naval e nos esforços de Littleton enquanto agitador laboral.

LITTLETON CHAMOU A RAPARIGA para encher a sua caneca e depois esvaziou-a num ápice. — Agora que ele se foi embora, dir-lhe-ei o que precisa saber, e quanto mais depressa apanhar o sujeito e as cinco libras, melhor será a sua opinião do seu amigo John Littleton. Com um pouco de sorte, terá o assunto nas mãos amanhã e poderá depois descansar tão confortavelmente como uma dona-de-casa cujo marido se curou da sífilis.

— Diga-me então o que sabe.

— Para começar, tem de compreender que esta não é a paróquia de Ufford. Ele está na Igreja de São João Baptista em Wapping. Não vive lá porque não faz o seu estilo viver num local tão degradante que cheira tão bem como uma pocilga. Tem um coadjutor a quem paga alguns xelins por semana para fazer a maioria do trabalho paroquial, e este indivíduo não é mais do que um mero escravo dos caprichos de Ufford. Até há pouco tempo, ele também exigia que o coadjutor fizesse o sermão de Domingo, mas depois interessou-se pela causa dos pobres, como nos chama, e assim mais tarefas passaram a ser suas.

— E como é que isso me pode ajudar a descobrir o homem que escreveu a carta?

— Bem, tem de compreender que há um grande burburinho entre os trabalhadores das docas. — Bateu orgulhosamente no seu crachá de carregador. — Os antigos privilégios estão a ser retirados e não são substituídos por nada. Aqueles que enfiam um pouco de tabaco nas calças ou algumas folhas de chá nos bolsos são embarcados à força por sete anos

e dizem-lhes que têm sorte de não irem parar à forca. E agora que não estão autorizados a retirar nada dos barris, não lhes são dados quaisquer salários em troca. Por isso estão furiosos, todos eles, furiosos como um cão com uma vela acesa enfiada no cu.

— Uma vela *acesa*?

Ele sorriu. — E a pingar cera.

Eu podia compreender que Littleton não se preocupasse muito com a situação, pois era extremamente parecida com os problemas que tivera nos estaleiros. Assim era a natureza do trabalho por toda a ilha. As compensações tradicionais como bens e materiais estavam a ser retiradas aos trabalhadores, mas não lhes era oferecida nenhuma compensação monetária. O que me espantava era o facto de, à luz de tudo o que sofrera para lutar pelos direitos dos trabalhadores, Littleton se tivesse deixado arrastar para o círculo de Ufford. Mas eu sabia que um homem que tem fome esquece muitas vezes o medo.

Não obstante, a história que Littleton me contou fazia pouco sentido. — Se o Sr. Ufford quer ajudar os trabalhadores, porque é que estes estariam furiosos com ele?

— É esse o enigma, não é? Antigamente nós, os carregadores, agarrávamos todo o trabalho que conseguíamos, mas depois o grande negociante de tabaco, Dennis Dogmill, pôs um fim a isso. Disse que nos devíamos juntar e ir ter com ele para que ele pudesse contratar uma equipa em vez de perder o seu tempo a contratar uns e outros. Então formaram-se equipas, mas de alguma forma estas transformaram-se em gangs que se odeiam uns aos outros mais do que odeiam Dogmill, o que eu acho que era o plano desde o início. Conhece Dogmill?

— Receio que não.

— Não há nada a recear por não o conhecer. O problema é conhecê-lo. É filho do maior negociante de tabaco que esta ilha já viu, mas não é o pai. Independentemente do que faça, não consegue vender tanto como a família costumava fazer e isso enraivece-o. Uma vez vi-o espancar um carregador quase até à morte por não trabalhar tanto como ele achava que deveria. Ficámos ali, Weaver, a ver, sem nenhum de nós se dispor a avançar e parar aquilo, embora fôssemos bastantes; mas isso não interessa. Se déssemos um passo na direcção dele, perdíamos o emprego. E se tivéssemos família, esta ficaria sem pão. E também havia outra coisa. Eu tinha o pressentimento – é difícil dizê-lo, mas é verdade – de que vinte de nós não teriam sido suficientes para o derrotar. Ele é um homem corpulento e forte, mas o problema não é esse. Ele tem *raiva*, se percebe o que quero dizer. E essa raiva é algo imoral.

— E ele está por detrás destes gangs? — perguntei.

— Não directamente, mas ele sabia o que estava a fazer quando fez com que nos separássemos desta forma. Agora há uma grande quantidade de gangs e nunca nos juntamos. Os maiores gangs são os do Walter Yate e do Billy Greenbill, a quem chamam de Greenbill Billy por causa dos seus lábios estranhos.

— E não por causa do seu nome?

Littleton tirou o chapéu e coçou a cabeça quase calva. — Também há isso. Seja como for, Greenbill Billy é um tipo sórdido, e diz-se que preferia ver mortos os outros que querem liderar os trabalhadores, e também os próprios trabalhadores, do que se submeter a outro homem; outro homem que não seja Dogmill, claro. Acho que ele não quer que Ufford se intrometa já que não é da conta dele, assim pensa ele. O padre quer que os gangs formem uma grande associação laboral para lutarem contra Dogmill, e se isso acontecer, Greenbill Billy passará de carregador mais poderoso dos cais a apenas um entre muitos.

— Os outros gangs estão dispostos a pôr as divergências de lado para se associarem? — perguntei.

Littleton abanou a cabeça. — Pelo contrário. Competem uns com os outros pois Dogmill já controla quase todo o estaleiro, e não deixa nenhum gang trabalhar a não ser que tenha dominado outro. Por isso os nossos salários estão cada vez mais baixos, e lutamos cada vez mais por estas migalhas.

— E suspeita que Greenbill Billy esteja por detrás dos bilhetes?

— Pode ser que sim, ou não. Eu pertenço ao gang do Yate, e sei que ele não é desse tipo de coisas. É um bom homem, o Yate. É jovem, mas esperto como um porco que foge da Feira de S. Bartolomeu, e parece querer fazer o que é certo. E tem a mulher mais linda que eu já vi. Deixei-me dizer-lhe que não me importava nada de ter uma mulher como aquela. E também já a vi olhar para mim uma ou duas vezes. Sei que sou um bocado mais velho que o Yate, mas ainda tenho alguns encantos que atraem as senhoras. Despido até à cintura pareço um jovem, e não me surpreenderia se uma rapariga tão bonita verificasse a mercadoria quando longe do seu marido, se entende o que quero dizer.

Sentindo que de algum modo nos dispersáramos, tentei trazê-lo de volta ao rumo. — Talvez eu devesse falar então com Greenbill.

Littleton estalou os dedos. — É isso que proponho. Ele gosta de passar o tempo numa taberna chamada *Goose and Wheel*, ao largo da Old Gravel Lane, perto da estância de madeiras. Não estou a dizer que foi ele que enviou o bilhete, note-se, mas há boas hipóteses de, não tendo sido ele, ele saber quem foi.

— Já contou tudo isto ao Sr. Ufford?

Piscou-me o olho. — Nem tudo.

— Porquê?

— Porque — sussurrou ele, — Ufford é um idiota, é por isso. E quanto menos souber e mais assustado estiver e quanto mais deambular de cá para lá, mais me dará cerveja e pão e uma moeda de vez em quando. Vou ser sincero consigo, já que não quero que saiba disto por outros e pense mal de mim. Eu disse-lhe para não o chamar. Disse-lhe que era porque a Igreja não precisa de nenhum judeu para tratar dos seus problemas, mas a verdadeira razão é que não quero que ele descanse a cabeça tão depressa. É mau para o meu estômago. O Inverno já chegou e não há trabalho para os carregadores dos cais. Alimento-me, e apenas o suficiente para afastar a morte, caçando ratos perto dos navios atracados. É uma tristeza que um carregador com um distintivo como eu seja tão pobre. O Sr. Ufford veio ter comigo e perguntou-me se o poderia ajudar, e ofereceu-me dinheiro e comida e também estas roupas. Chupar-lhe as tetas é muito melhor do que caçar ratos, e eu não quero que este poço seque depressa demais, se me compreende, embora ele pareça achar que já fez tudo o que precisava por mim e que eu tenho de dançar para ele como se fosse uma marioneta.

— Compreendo. — Retirei um xelim de dentro da minha bolsa e entreguei-lho.

— Bem, — disse ele com um largo sorriso que revelava os dentes amarelados, — uma pessoa não pode pedir mais do que isto. Acho que acaba de fazer um amigo, amigo. Se estiver disposto, posso levá-lo até à *Goose and Wheel* e dizer-lhe quem é o Greenbill Billy. Ele não é meu amigo, e eu não gostaria que ele me visse lá, mas posso indicá-lo à mesma. Desde que me pague alguma bebida quando lá chegarmos.

Este assunto começava a saber a algo que eu conseguiria terminar num dia ou dois, e era exactamente disto que eu precisava para me ajudar a regressar ao ritmo de trabalho. — Ficaria muito grato — disse eu a Littleton. — E se esse Greenbill for mesmo o nosso poeta, ou me levar a ele, haverá mais um xelim para si com toda a certeza.

— É isso que eu quero ouvir — disse-me ele. Depois pegou na caneca de estanho vazia e enfiou-a num saco que tinha ao lado da cadeira. — Esta caneca era minha — explicou-me. — Ou então era uma como esta.

Encolhi os ombros. — Garanto-lhe de que não tenho qualquer interesse por qualquer caneca que resolva levar da cozinha do Sr. Ufford.

— Muito simpático da sua parte — disse ele. Esticou o braço até alcançar a minha caneca meio cheia, despejou-a e colocou-a junto à outra dentro do saco. — Muito simpático da sua parte, sem dúvida.



A PARTIR DO MOMENTO em que o juiz Rowley pronunciou a minha sentença, eu percebi que não me seria permitido regressar ao relativo conforto do meu quarto no Master's Side – um privilégio que me custara muito mas que valera o dinheiro para me manter afastado das multidões perigosas da prisão. Mas, independentemente do dinheiro que se tenha, qualquer condenado à força tem de ficar no porão, um local específico da prisão destinado a tais desafortunados, cujas fileiras eu agora engrossara. Enquanto eu compreendia que não iria para a mais confortável das acomodações, nada me fazia prever a gravidade das intenções do juiz. Quando chegámos à cela na escura e infernal cave de Newgate, um dos carcereiros ordenou-me que estende-se os braços para me algemar.

— Por que razão? — perguntei.

— Pela razão de evitar a fuga. São ordens do juiz, por isso é o que se faz.

— Durante quanto tempo ficarei algemado? — perguntei.

— Até ser enforcado, penso eu.

— Isso é daqui a seis semanas. Não é cruel algemar um homem durante seis semanas sem motivo?

— Deveria ter pensado nisso antes de ter morto o sujeito — disse-me ele.

— Eu não matei ninguém.

— Então deveria ter pensado nisso antes de ter sido apanhado por algo que não fez. Agora, estenda os braços. Deixe-me frisar que não pre-

cisa de estar consciente para ser devidamente algemado. Tenho em mente bater-lhe se não fizer o que lhe digo, para depois poder dizer aos meus rapazes que lutei com Ben Weaver.

— Se combater é o seu plano, então aceitarei de bom grado a proposta — disse eu. — Mas por alguma razão penso que não tem em mente um combate justo. — Com os presentes dados pela bonita desconhecida bem fechados dentro da mão, estendi os braços e permiti que o canalha me algemasse. De seguida, fui forçado a sentar-me numa cadeira de madeira no centro do recinto. Então as minhas pernas foram unidas uma à outra de forma semelhante aos pulsos, mas estas algemas foram ligadas com uma corrente a uma barra metálica projectada do chão. Eu tinha apenas alguns metros de folga para me movimentar o melhor que podia.

Quando os carcereiros me deixaram, tive a oportunidade de examinar o espaço. O compartimento não era excessivamente pequeno, com cerca de um metro e meio de largura e três de comprimento. Não oferecia mais do que a cadeira em que eu estava sentado, um recipiente enorme para as minhas necessidades (o seu tamanho sugeria que não seria esvaziado com muita frequência), uma mesa e uma pequena lareira vazia apesar do frio. Mesmo no topo de uma parede havia uma janela pequena e extremamente estreita que ficava pouco acima do nível do chão e que permitia apenas a passagem de alguns raios de sol. Dificilmente constituiria uma hipótese de fuga já que nem um gato conseguia passar através daquelas fendas. Havia duas janelas bastante maiores que davam para o corredor, embora também não fossem suficientemente grandes para permitir a passagem de um homem.

Inspirei profundamente e suspirei, um acto que lamentei imediatamente pois o ar era extremamente insalubre e fedia aos corpos dos condenados que se encontravam nas proximidades, assim como aos daqueles que há muito haviam passado por lá. Cheirava a penicos que necessitavam de ser despejados e lavados. Cheirava a vomitado, sangue e suor.

Os sons não eram mais confortantes. Podia ouvir o arranhar das pequenas garras dos ratos no chão de pedra e os piolhos que não me tinham dado um momento para me adaptar ao novo ambiente antes de se instalarem. Algures à distância soluçava uma mulher, e talvez um pouco mais perto: riso forçado, melífluo de loucura. O meu cubículo era, resumindo, um lugar escuro e desolador, e os carcereiros não tinham saído há mais de um ou dois minutos quando eu comecei a traçar um plano para sair dali.

Não sou nenhum especialista em fugas, mas invadira uma série

de casas na juventude, depois da minha carreira como pugilista ter sido forçada a um interregno devido a um ferimento numa perna. Por isso sabia uma ou duas coisas acerca da utilização de uma gazua. Peguei no objecto que a bonita desconhecida me enfiara na mão e pu-lo na minha palma como se o seu peso me pudesse dizer algo acerca da sua utilidade. Isso não aconteceu, mas eu estava decidido a fazer com que os esforços da rapariga não tivessem sido em vão. Verdade, eu não fazia ideia de quem ela pudesse ser ou porque se dera a tanto trabalho para me ajudar, mas achei melhor debruçar-me sobre esses assuntos depois de estar em liberdade.

Assim sendo, iniciei a tarefa de escarafunchar na fechadura das minhas algemas. Como tinha os pulsos unidos não possuía a destreza desejável por um arrombador, mas também não tinha o receio de ser descoberto, por isso, com algum cuidado, consegui inserir o ferro na fechadura e sentir os mecanismos. Levei algum tempo a conseguir encontrar a mola, e mais ainda para a activar, mas consegui abrir as algemas em menos de um quarto de hora. Que som magnífico, o suave estalido de metal sobre metal e o afrouxar musical das correntes! As minhas mãos estavam finalmente livres, e depois de esfregar os pulsos por breves instantes comecei a trabalhar nos pés.

No entanto, havia poucos motivos para exultação. Embora me pudesse já movimentar livremente pela cela, não podia ir a lado nenhum, e se o meu estado de liberdade fosse descoberto eu ficaria numa posição muito pior do que aquela que tinha à partida. Tinha que ser rápido. Olhei em volta na escuridão crescente. O início da noite seria uma vantagem, claro, fornecendo cobertura para as minha acções. No entanto aumentava também o meu sentimento de melancolia.

Como é que isto me acontecera? Como é que eu podia estar agora condenado à forca por um crime que não cometera? Sentei-me e pus a cara entre as mãos. Estava à beira do choro, mas repreendi-me imediatamente por estar a entrar em desespero. Estava livre das correntes, tinha ferramentas, tinha força. Esta prisão não me deteria por muito mais tempo, declarei a mim mesmo com falsa determinação.

— Quem é que está aí a fazer barulho com as correntes? — perguntou uma voz, grossa e distorcida, através das paredes da cela.

— Sou novo aqui — disse eu.

— Eu sei. Oví-o entrar, não ouvi? Perguntei-lhe quem é, e não se é novo ou velho. É um peixe ou um homem? Quando a sua mãe punha um bolo fumegante à sua frente, você queria saber se era de sementes ou de ameixa e não quando é que ela o tinha começado a fazer.

— Chamo-me Weaver — disse eu.

— E porque é que o prenderam?

— Por um assassinato que não cometi.

— É sempre assim, não é? Só os inocentes é que acabam aqui. Nunca foi condenado um homem que tivesse feito o que eles dizem. Excepto eu. Eu fi-lo, e di-lo-ei como homem honesto que sou.

— E porque é que o prenderam a *si*?

— Por me recusar a seguir as leis de um usurpador estrangeiro. Aquele falso rei no trono roubou-me a subsistência, e quando um homem tenta recuperá-la é atirado para a cadeia e sentenciado à forca.

— Como é que o rei lhe roubou a subsistência? — perguntei sem nenhum interesse real.

— Eu estava no exército, ao serviço da Rainha Ana, mas quando o alemão roubou o trono, achou que a nossa companhia era demasiado *tory* e mandou-nos dissolver. Eu nunca tinha feito outra coisa na vida a não ser ser soldado, por isso não sabia como ganhar a vida a não ser dessa forma, e quando já não podia mais tive que encontrar outro meio.

— E qual foi esse meio?

— Tornar-me salteador e roubar aqueles que apoiam o hanoveriano.

— E estava sempre certo de que assaltava apenas os apoiantes do Rei Jorge?

Ele riu. — Talvez não tivesse sido tão cuidadoso como poderia, mas eu reconheço uma carruagem *whig* quando a vejo. E não é como se nunca tivesse tentado ganhar a vida de forma honesta. Mas não se encontra trabalho, e as pessoas estão a morrer nas ruas. Eu não estava disposto a ser mais uma. Seja como for, apanharam-me com um relógio roubado no bolso, e agora vou decerto ser enforcado.

— É um crime menor — disse-lhe. — Podem ser condescendentes.

— Comigo, não. Cometi o erro de ser levado a uma pequena taberna, e o guarda que me levou ouviu-me brindar ao verdadeiro rei mesmo antes de me levar embora.

— Talvez tenha sido imprudente — observei.

— E a taberna chamava-se Rosa Branca.

Toda a gente sabia que a rosa branca era o símbolo dos jacobitas. Era um lugar idiota para se ser preso, mas os homens que violavam a lei eram muitas vezes idiotas.

Eu sabia que o apoio ao Chevalier era comum entre os ladrões e os pobres. Já estivera muitas vezes na companhia de homens de classe baixa que fariam de bom grado um brinde em nome do filho do rei deposto, mas esses brindes, de uma forma geral, não eram levados muito a sé-

rio. Homens como esses, que haviam perdido as suas posições militares depois dos *tories* terem sido saneados, enveredavam muitas vezes pelo roubo e contrabando, juntando-se a gangs de outros ladrões jacobitas que diziam a si mesmos que os seus crimes eram apenas justiça revolucionária.

À medida que escrevo estas memórias, tantos anos depois dos eventos que descrevo, sei que posso encontrar leitores demasiado jovens para se lembrarem da rebelião de '45, quando o neto do monarca deposto quase invadiu Inglaterra. Agora a ameaça dos jacobitas não parece mais séria do que a do bicho papão e dos duendes, mas os meus leitores mais jovens devem perceber que, nos dias a que se refere a minha escrita, o Pretendente era mais do que uma fantasia para assustar as crianças. Este conduziu uma audaz invasão em 1715, e desde então haviam-se sucedido inúmeras conspirações para o devolver ao trono ou para incitar à rebelião contra o rei. Enquanto eu estava na prisão, pairavam sobre nós as eleições gerais, as primeiras a terem lugar desde que Jorge I subira ao trono – por isso considerava-se que estas eleições iriam determinar o quanto os ingleses haviam passado a gostar ou a odiar o seu monarca alemão. Parecia-nos por isso provável que a qualquer momento pudessemos estar sujeitos a uma invasão, na qual o Pretendente pegaria em armas para reclamar o trono do pai.

Os jacobitas, seguidores do filho do deposto Jaime II, viram neste momento a sua melhor oportunidade para reconquistar o trono para o seu soberano. Corriam ultrajes contra o ministério e, menos abertamente, contra o rei desde a queda das acções da Companhia do Mar do Sul no Outono de 1720. Com o afundamento da Companhia, afundaram também outros inúmeros projectos que se haviam enraizado no solo aparentemente fértil da subida dos valores das acções. Não só uma única companhia, mas um exército inteiro delas foi destruído num instante.

À medida que a ruína financeira nos batia à porta, à medida que os motins provocados por falta de alimento e baixos salários se incendiavam como palha seca no Verão, à medida que os homens de grande riqueza perdiam as suas fortunas num ápice, o descontentamento para com o nosso rei estrangeiro aumentava. Disse-se mais tarde que nos meses que se seguiram ao estouro da Bolha, o Pretendente poderia ter ido a Londres sem exército e ter-se coroado sem o derramamento de uma gota de sangue. Poderia ser esse, ou não, o caso, mas posso assegurar os meus leitores de que nunca antes ou depois vi um ódio tão volátil dirigido ao governo como o daqueles tempos. Os parlamentares gananciosos atropelavam-se para acobertar os directores da Companhia do Mar do Sul – para poderem proteger melhor os seus próprios lucros da fraude das

acções da Companhia – e as pessoas estavam cada vez mais furiosas e cruéis. No Verão de 1721, um grupo de populares entrou no Parlamento para exigir justiça; uma multidão descontrolada que só dispersou depois de três avisos para que o fizesse, sob pena de severas sanções baseadas na lei contra perturbações de ordem pública. Com as eleições à porta, os *whigs*, que controlavam o ministério, perceberam que o seu controlo sobre o governo poderia estar a diminuir, e dizia-se que se os *tories* tivessem uma maioria o Rei Jorge não se manteria nosso monarca por muito tempo.

Escrevo agora com um entendimento político que não possuía na altura, mas conhecia o suficiente do ressentimento do povo em relação ao rei e aos seus ministros *whigs* para perceber porque é que as inclinações políticas deste ladrão teriam um efeito tão nefasto sobre si. Os ladrões, os contrabandistas e os empobrecidos tendiam a juntar-se à causa dos jacobitas, que viam como arrojados párias como eles. Depois do estouro da Bolha, quando mais homens do que nunca lutavam por sustento, os ladrões e os salteadores começaram a surgir em grande número.

— É muito complicado, — disse-lhe eu, — o facto de um homem ser enforcado por dizer o que os homens sempre disseram.

— Também penso assim. Não é como se eu tivesse morto alguém. Não como o senhor.

— Eu também não matei ninguém — disse eu. — Não alguém de cujo assassinato fui acusado.

Ele riu com isto. — O meu nome é Nate Lowth — disse ele. — Como é que disse que se chamava?

Levantei-me. Este Lowth, com toda a sua conversa, pareceu ajudar-me a encontrar o incentivo de que necessitava para agir. Aproximei-me das janelas que davam para o corredor. Havia grades, claro. Examinei cada uma delas para ver se estaria solta.

— Weaver — gritei. — Benjamin Weaver.

— Não pode ser! — gritou ele. — Benjamin Weaver, o lutador, na cela ao meu lado! Não é a maior sorte deste mundo?

— Porquê?

— Ora, porque no dia da execução, quando um homem pode brilhar, ninguém ligará importância ao pobre Nate Lowth. Todos estarão lá para ver Weaver baloiçar. Eu serei apenas um mero petisco para aguçar os apetites.

— Não tenciono estar em evidência — disse-lhe eu.

— Aprecio o seu gesto amável, mas não deverá estar nas suas mãos. Eles já ouviram falar de si, e será ao seu fim que quererão assistir.

Nenhuma das grades estava tão solta como eu gostaria, por isso

peguei na lima que a mulher me entregara e reexaminei o metal que me bloqueava a passagem. As barras eram demasiado grossas para serrar. Levar-me-ia uma noite inteira ou mais, e eu não fazia intenção de estar na cela quando o sol nascesse. Então, comecei a esgravatar na pedra que rodeava as grades. O metal da lima era suficientemente forte e esta não dobrou nem partiu. Usei um cobertor para abafar o som o melhor que consegui, mas ainda assim o ruído do metal na pedra ecoava pelo corredor.

— Que barulho é esse? — perguntou Nate Lowth.

— Não sei — disse-lhe entre golpes. — Também o estou a ouvir.

— Você está a mentir — disse ele. — Está a tentar escapar, não é?

— Claro que não. Honro a lei acima de tudo. É meu dever morrer enforcado se é isso que me dizem. — Naquela altura eu já conseguira remover uns cinco centímetros de pedra em redor de uma das barras, e esta já estava consideravelmente solta, embora eu ainda não conseguisse perceber o quão comprida era ou quanto tempo teria ainda de prosseguir com os meus esforços.

— Não precisa de se preocupar comigo — disse ele. — Eu não darei o alerta. Já lhe disse: prefiro que o senhor não esteja presente no nosso dia de execução.

— Bem, espero *estar* ausente, mas não penso que seja muito provável.

— Agora já sei que barulho todo era esse.

— Pode pensar o que quiser — disse-lhe eu. — Não me prejudica em nada.

— Não fique amargo comigo. Estou só a fazer conversa.

Dei um puxão forte na barra, e a pedra que rodeava a base começou a partir. Puxei mais uma vez, e rodei a barra num movimento circular alargando a área do seu encaixe. Soltou-se pó da parte superior, que se agarrou às minhas mãos húmidas de suor. Limpei as mãos às calças e continuei.

— Ainda está aí, Weaver, ou já se foi embora?

— Ainda estou aqui — disse eu, resmungando enquanto respondia. — Para onde é que haveria de ir? — Puxei a barra outra vez e a pedra partiu drasticamente. Mais um ou dois puxões e soltar-se-ia.

— Pode enviar-me alguma coisa feitosa quando estiver lá fora? Algum vinho e ostras.

— Estou aqui, tal como você.

— Bem, digamos que se por acaso você sair, eu gostaria que me enviasse algo. Afinal de contas, eu não estou a chamar os guardas, pois não? Que era o que muitos fariam por rancor. E também não estou a

ameaçá-lo, perceba-se. Estou só a sublinhar que sou um bom amigo.

— Se eu me vir fora destas paredes, mandar-lhe-ei vinho e ostras.

— E uma pega — disse ele.

— E uma pega. — Outro puxão. Mais pedra desfeita.

— Uma pega muito esfomeada, se não se importa.

— Decerto terei bastante cuidado na avaliação das candidatas — disse eu. — Só a mais entusiástica terá a minha aprovação. — Sustive a respiração e puxei com todas as minhas forças. A pedra partiu-se completamente na base e eu consegui soltar a barra. Tinha um pouco mais de sessenta centímetros de comprimento e eu sabia o que faria com ela.

— Eu farei de conta que não ouvi esse barulho — disse Nate Lowth.

Dirigi-me até à lareira e examinei a chaminé. Era estreita mas manobrável, pensei. — Vou deitar-me agora — gritei eu a Lowth. — Por favor, não quero mais conversa.

— Durma bem, amigo — disse ele. — E não se esqueça da minha pega.

Eu debrucei-me e rastejei para dentro da lareira. Estava fria e não tinha ar, e eu senti imediatamente como se os meus pulmões estivessem cobertos de fuligem. Saí e, usando a lima, rasguei um pedaço do cobertor. Depois amarrei-o à volta do nariz e boca e entrei outra vez na chaminé.

Olhando para cima, encontrei uma saliência à qual me consegui agarrar e subi um pouco; não mais de meio metro, mas mesmo assim era algum progresso. O interior era mais apertado do que me parecera inicialmente, e mover-me naquele pequeno espaço demorou imenso tempo. Tinha os braços esticados para cima, a barra numa das mãos, e não havia espaço para os baixar. Senti a pressão da pedra contra o peito e a agudeza de um rebordo denteado que me cortou a roupa e a pele. O pedaço de cobertor que eu amarrara para proteger a respiração parecia que me sufocava agora.

E se eu não conseguir sair? Pensei. Eles virão de manhã e pensarão que fugi, enquanto o meu corpo, preso na chaminé, começa a apodrecer.

Abanei a cabeça: em parte contrariando esta ideia, em parte para soltar a máscara que fizera. *Melhor respirar pó do que nada*, pensei. O pequeno nó no cobertor desfez-se rapidamente e a máscara caiu. Eu arrependi-me de imediato, pois o pó invadiu-me a boca e a garganta e eu senti que conseguia respirar ainda pior do que anteriormente. Tossi com alguma força, até pensar que ia vomitar os pulmões, e o som ecoou pela chaminé e, sem dúvida, pela prisão.

Contudo, eu sabia que não tinha outra hipótese senão continuar.

Estiquei-me o mais possível, encontrei outra saliência e consegui subir mais trinta ou quarenta centímetros. O meu suor misturava-se com fuligem originando uma lama desagradável que secava nas minhas mãos e rosto e se alojava no meu nariz. Um pedaço maior alojou-se perto de uma narina, e eu cometi o erro de tentar soltá-lo esfregando o nariz na parede. Isso fez com que entrasse mais sujidade para o nariz, e eu passei a não conseguir respirar de todo.

Não consigo, pensei quando um pedaço de pedra entrou numa ferida que tinha aberto no peito. *Pelo menos, não agora. Tenho que regressar, limpar-me o melhor que puder e repensar este esquema.* Mas, quando tentei descer, descobri que já não tinha hipótese de retroceder. Pedacos pontiagudos de tijolo pareciam materializar-se abaixo de mim, como espigas, espetando-me os braços e pernas. Não conseguia ver porquê, ou virar suficientemente a cabeça para ver a passagem. Percebi então que não tinha outra alternativa a não ser seguir em frente. Mas quando tentei subir, vi que também não conseguia avançar. A minha mão encontrou uma saliência, mas eu não conseguia mover o corpo.

Estava verdadeiramente entalado.

A loucura estonteante do pânico começou a invadir-me. Espirais de terror brilhavam frente aos meus olhos como fogo-de-artifício. Seria este o meu horrendo destino; ainda mais horrendo do que aquele que a justiça de Sua Majestade havia pretendido para mim no dia da execução. Contorci-me e empurrei e puxei e torci-me, mas só consegui mover-me trinta ou quarenta centímetros.

Não havia mais nada a fazer a não ser utilizar a barra de ferro. Faria muito mais barulho do que eu desejaria, mas eu estava agora disposto a aceitar a ajuda do meu carcereiro como um desfecho agradável. Com o pouco espaço que tinha comecei a bater na parede da chaminé. Porque tinha a mão acima da cabeça, pó e pedras caíram sobre a minha cara. Eu virei a cabeça o máximo possível e bati outra vez. E outra vez.

Terei batido durante cinco minutos, ou uma ou duas horas? Não consegui perceber. Estava perdido numa louca confusão de pânico e pressa. Bati com a barra contra o tijolo, e bati outra e outra vez. Tossi fuligem e lama e tijolo em pó. Fechei os olhos com força e bati com o punho fechado, e senti a barra vibrar na mão. Rezei para não a deixar cair no abismo.

Finalmente senti o ar fresco, e quando tive a coragem para abrir os olhos vi que fizera um pequeno orifício, apenas do tamanho de uma maçã, mas que era suficiente. O ar estava insípido, mas parecia suficientemente doce para um homem que desesperara por não conseguir respirar, e continuei a bater.

Em pouco tempo tinha um buraco suficientemente grande para o poder atravessar, embora o tenha feito bastante devagar pois o compartimento para onde passei era tão negro como a chaminé. Quando atravessei o buraco, descobri que estava poucos centímetros acima do solo. Se tivesse usado a barra de ferro um pouco mais abaixo, nunca teria conseguido escapar.

Newgate é uma prisão antiga, com muitas áreas desactivadas. Eu estava claramente numa delas. A divisão era bastante grande, talvez três vezes maior do que a minha cela, e continha uma grande quantidade de equipamento partido, empilhado quase até ao tecto. Pisei lixo velho, há muito seco e já quase em pó. Qualquer movimento meu fazia entrar teias de aranha nos meus olhos, nariz e boca.

Após uns instantes, a minha visão adaptou-se à escuridão e eu vi que o compartimento sem janelas tinha uma porta com cadeado que parti facilmente com a minha agora-tão-querida barra. Saí para outro compartimento, desta vez trancado do outro lado, mas após alguns minutos de observação descobri uma escadaria que subia.

No andar superior, descobri a minha saída também barrada do lado de fora. Derrubei a porta para encontrar outro lance de escadas. E mais uma vez; e outra. Não podia estar alegre por me estar a afastar cada vez mais do chão, mas pelo menos também me afastava cada vez mais da cela.

Por fim cheguei a uma grande divisória, também escura e abandonada. No entanto, ali, vi uma luz à distância e, depois de me aproximar cuidadosamente, vi que se tratava de uma janela gradeada. Normalmente, uma coisa destas desesperaria qualquer um, mas eu já viera tão longe que para mim uma janela com barras era a mesma coisa que uma janela aberta com uma bonita rapariga por perto para me ajudar. As barras estavam velhas e enferrujadas, e em menos de uma hora já me livrara delas, atravessara a janela e saltara para o telhado de um edifício vizinho.

Caía uma chuva fria, quase gelada, e eu tremi na escuridão enquanto a água se acumulava em redor dos meus pés, mas deliciei-me com o facto desta estar a lavar a lama do meu corpo. Olhei para o tecto de nuvens escuras e esfreguei o rosto debaixo da chuva até a minha pele estar livre da fuligem da prisão e as minhas narinas livres do fedor.

O meu corpo estava de facto livre. No entanto, eu não tinha forma de alcançar a rua. Depois de dar por diversas vezes a volta ao telhado, descobri que não havia nenhum meio para descer, e eu não podia esperar saltar de uma altura daquelas e sobreviver – ou pelo menos evitar partir as pernas. Conseguira fugir da fortaleza, mas não conseguia descobrir uma maneira de descer de forma segura os três andares.

Eu sabia que não me podia demorar. Se a minha ausência fosse descoberta enquanto eu estivesse no telhado, seria levado de volta sem qualquer dificuldade. Cheguei então a uma conclusão muito pouco ortodoxa. Embora, por natureza, eu seja uma pessoa recatada, despi a roupa toda e fiz uma corda com ela. Atando-a a um prego saliente no telhado, consegui descer a maior parte do caminho, precisando saltar apenas de uma altura de cerca de dois metros. Aterrei com força de pés (que ainda estavam calçados), e caí para cima da neve gelada. A minha perna esquerda, que eu partira nos meus tempos de pugilista, doía intensamente mas eu quase não sofri ferimentos e estava completamente livre.

Assim, coxeei nu pela fria noite londrina.



ESTOU PERFEITAMENTE CIENTE de que não é nada amável da minha parte deixar o leitor em *suspense* enquanto vagueio pelas ruas de Londres, nu, com frio e perseguido pelo grande poder da justiça, mas tenho de recuar mais uma vez se quero que o meu leitor entenda exactamente como é que eu fui parar a tribunal pela morte de Yate.

Eu tencionava aproveitar-me do obsequioso John Littleton, o carregador que Ufford arranjava para me ajudar, mas antes de seguir aquela valiosa pista pensei que seria sensato investigar primeiro por conta própria. Littleton falara de Dennis Dogmill, o negociante de tabaco cuja ganância manipulara os carregadores para formarem gangs rivais. Se Ufford usava os seus sermões para falar a favor dos carregadores e procurava provocar agitação a favor deles, parecia-me natural que Dogmill soubesse disso. Embora me parecesse improvável que ele escrevesse um bilhete como aquele que eu tinha visto, presumi que ele teria alguma responsabilidade nessa extorsão, ou fizera questão de descobrir quem teria para melhor poder reivindicar a sua inocência.

Durante as minhas voltas pela cidade, eu descobrira que os negociantes de tabaco tinham tendência para passar o tempo no Café do Moore, na baixa, perto das docas, e como eu prestara alguns serviços ao Sr. Moore no passado, achei que podia contar com a sua ajuda neste caso. Enviei-lhe um bilhete a perguntar se Dogmill costumava frequentar o seu estabelecimento. Ele informou-me quase imediatamente que Dogmill tinha realmente o hábito de ir ao café, embora ultimamente não

tivesse lá ido tantas vezes porque era o agente eleitoral da campanha do candidato *whig* para Westminster. Todavia, ele sabia que Dogmill iria lá naquela tarde para uma reunião com alguns sócios.

Assim sendo, desloquei-me ao café e fui falar com Moore, que era um rapaz bastante novo para um proprietário, tendo herdado o negócio do pai há menos de dois anos. Não teria mais de vinte e três ou vinte e quatro anos, mas tinha uma grande perspicácia para o negócio e era bastante habilidoso a sujeitar os seus desejos aos dos clientes. Abria as portas bastante cedo, fechava-as tarde, limpava as mesas com as suas mãos e supervisionava a preparação do café, a compra da cerveja e a cozedura dos bolos. Embora vestisse um elegante fato escuro adequado a um comerciante próspero, as suas roupas estavam amarrotadas e manchadas, o rosto escorregadio com transpiração.

— Olá, Sr. Weaver — disse ele enquanto me apertava calorosamente a mão. — É sempre um prazer ajudá-lo, depois de tudo o que já fez por mim.

Tudo o que eu havia feito por ele tinha sido encontrar aqueles que lhe deviam dinheiro e forçá-los a pagar, guardando uma generosa percentagem para mim. Eu não considerava isso um favor, apenas negócio, mas não tinha intenção de explicar isso a Moore. — Eu sei que está muito ocupado, por isso se me indicar quem é o sujeito eu deixo-o trabalhar descansado.

— É aquele ali. — Moore esticou o dedo na direcção de um tipo enorme que estava sentado de costas para mim. — O grandalhão.

Descrevê-lo como «o grandalhão» era como descrever o canal do Fleet como «o fedorento». Era um homem robusto, e mesmo de costas voltadas para mim eu percebi que a sua robustez era mais do tipo muscular do que do tipo gorduroso. A largura das costas e braços esticavam o tecido do casaco. O pescoço era tão grosso como a minha coxa.

Devo recordar o meu leitor de que passei uma série de anos a ganhar a vida como pugilista, lutando em batalhas campais para o meu sustento. Na altura a que se refere o meu relato, eu estava aposentado das artes da luta mas não era um homem pequeno. Contudo, ali estava alguém que me fazia sentir tísico e insignificante. Estava sozinho, debruçado sobre uns papéis, segurando com tanta força na sua caneta que eu poderia pensar que estava a tentar esmagá-la.

Fiquei quieto durante alguns instantes, para ver se ele reparava em mim, mas como isso não aconteceu eu aproximei-me. — Desculpe interrompê-lo, Sr. Dogmill. O meu nome é Benjamin Weaver, e eu gostaria de saber se posso falar consigo por um instante acerca de uns carregadores dos cais de Wapping.

Dogmill parou de escrever e ergueu ligeiramente a cabeça, mas não olhou para cima. Podia ver que o seu rosto era cheio e redondo. Era o aspecto que eu vira em muitos homens que produzem uma força prodigiosa através do exercício, e que por isso necessitam de enormes quantidades de comida para satisfazerem o seu apetite. Enquanto o corpo pode ser bastante musculoso, a cara é frequentemente rechonchuda e mole.

Eu não sabia como interpretar o seu duro silêncio, por isso decidi continuar: — Os meus serviços foram contratados por um padre, um Sr. Ufford, que recebeu diversos bilhetes ameaçadores pelas suas palavras a favor do melhoramento das condições dos carregadores de Wapping. Como há vários deles sob seu encargo, pensei que talvez soubesse alguma coisa sobre esse incidente.

Sem olhar para mim, Dogmill virou-se. — Moore! — gritou ele, como um patrão que deseja repreender um empregado.

O proprietário, que estava a limpar alguns pratos, largou o pano e aproximou-se rapidamente. — Sim, Sr. Dogmill.

— Está aqui um patife a perturbar o meu sossego. — Enfiou uma moeda na mão de Moore. — Leva-o lá para fora e ensina-o a não ser tão impertinente com os seus superiores.

Dogmill voltou aos seus papéis. Moore ficou por uns instantes com a moeda na palma da mão, como se esta fosse uma linda borboleta que não desejava esmagar nem assustar. Finalmente fechou a mão e agarrou-me pelo braço. — Vamos embora — disse ele; e começou a puxar-me.

— Ah, e Moore, — disse Dogmill sem olhar para cima — explica por favor a esse senhor que se ele falar novamente comigo, eu salto-lhe em cima das mãos até estas não terem cura possível. Certifica-te de que ele entenda isso.

Moore, sabendo que o discurso tinha terminado, puxou-me mais uma vez para que o acompanhasse. Embora eu desejasse dizer a Dogmill que ele podia tentar pisar-me onde quisesse, e em qualquer altura, segurei a língua. Fazê-lo ser-me-ia pouco vantajoso, e eu não queria pôr Moore numa situação delicada. Ele desejava apenas não desagradar o patrão, e tendo de escolher entre incomodar-me a mim ou incomodar Dogmill, ele fizera com certeza a escolha acertada. Ele poderia explicar-se a mim sabendo que eu não guardaria rancor. Dogmill não me parecia o tipo de homem com o qual nos equivocamos.

Uma vez chegados ao exterior, observei a vermelhidão da sua cara. — Peço desculpa, Sr. Weaver, mas eu não fazia ideia de que ele implicaria consigo. Quando o Sr. Dogmill implica com alguém, pode ser muito perigoso.

— Como pisar-nos as mãos, e assim.

— Não é nenhuma piada, garanto-lhe. Fê-lo uma vez a um armazenista que lhe pregara uma partida. O pobre consegue agarrar tanto numa caneta como um pato. E ele nem sempre reserva o seu temperamento para aqueles que o prejudicam intencionalmente. Vi-o uma vez agredir uma prostituta por ela se ter metido com o seu traseiro quando ele já havia dito que o deixasse em paz. Esmurrou-a na cara; o senhor viu aquelas mãos pesadas. Pobre rapariga. Morreu por causa disso, sabia?

— Acho que devo considerar-me sortudo.

Ele abanou a cabeça. — Quem me dera que me tivesse dito que iria falar com ele acerca de um assunto que não é do seu agrado. Tê-lo-ia aconselhado a não perder o seu tempo, ou pelo menos para tratar do assunto no café de outra pessoa. Dogmill é extremamente violento, mas paga as suas dívidas a horas e traz negócio com ele.

— Compreendo. Falarei com ele noutra altura, então.

Moore estendeu a moeda. — Não posso em boa consciência ficar com isto.

Eu ri. — Ganhou-o. Não aceitarei o seu dinheiro.

— Tem a certeza?

— Por favor, Moore. Fez o melhor que podia para me servir.

Ele anuiu com a cabeça e depois, olhando para uma nojenta poça de lama e sujidade, aproximou-se desta, agachou-se, mergulhou as mãos e salpicou-se todo com o líquido peganhento. Depois levantou-se, voltou-se para mim com um sorriso, as suas roupas molhadas com os detritos e a cara suja de negro. — Eu não sei se ele ouviu o seu nome ou se viu a sua cara, mas presumindo que sim, não espero que ele acredite que eu venci Benjamin Weaver sem qualquer esforço. Tenha um bom dia, senhor.

EU NÃO ACREDITAVA que o assunto com Dogmill estivesse concluído, e na realidade não estava, mas preferi seguir métodos menos obstinados naquele momento, enquanto pensava em como reaplicar os meus esforços com o comerciante. E, assim, fui ao encontro de John Littleton. Embora nunca tenha tido grande predilecção por luxos, admito ter uma preferência por bons tecidos e fatos. Mas antes de partirmos em busca de Greenbill Billy, Littleton sugeriu que a minha roupa habitual daria muito nas vistas na zona dos cais. Então, vesti umas calças usadas, uma camisa manchada e um velho casaco de lã. Enfiei o cabelo debaixo de um chapéu velho, de aba larga, e até apliquei um pouco de tinta para escurecer ainda mais uma compleição que, pelos pálidos padrões britânicos, já era de algum modo morena. Examinando-me ao espelho, congratulei-me

por estar quase irreconhecível: tal e qual um lascarim de Wapping.

Combinei encontrar-me com Littleton no seu lar, um quarto decrépito que ele alugara na Bostwick Street, e de lá seguimos para a *Goose and Wheel*. Eu só o vira antes à mesa de Ufford, por isso quando ele me veio receber à porta surpreendi-me por ser mais alto do que eu imaginara, e mais largo de ombros do que eu reparara. Achara-o um tipo frágil atravessando com dificuldade a última fase da sua vida, mas agora parecia-me mais áspero, um daqueles homens rijos que se agarram tenazmente à força da juventude.

— Não estou muito deseioso por este encontro — disse Littleton enquanto caminhávamos, passando pelos mendigos e os bêbados sentados ao frio. Um homem passou por nós a vender tortas de carne acabadas de fazer que fumegavam intensamente na tarde fria.

Littleton encolheu os ombros, encostando-os quase às orelhas. — Eu sei que a ideia foi minha, mas a *Goose and Wheel* é o lugar de Greenbill, e se algum daqueles canalhas reconhecer a minha cara não gostará muito de me ver por lá. Parece que o resultado final será em meu desfavor.

— Não precisa de entrar — disse eu. — Já ajudou tanto quanto o Sr. Ufford poderia esperar. Indicou-me o caminho que pensa ser o correcto e, muito seguramente, eu posso prosseguir sozinho a partir daqui.

Littleton parecia uma criança petulante. — Eu vou. Não quero que tenha de se defender sozinho. Mas estive a pensar um bocado neste assunto. Você pediu cinco libras ao padre. Isso é muito dinheiro para uma pessoa. E, pensando bem, tudo o que você fez foi fazer-me algumas perguntas e deixar que eu o leve aonde quer ir. Um xelim aqui e outro ali é bastante generoso, mas como tenho sido tão seu amigo, não acha que o mais correcto seria dar-me metade do que ganhar?

— Eu acho que deveria ficar feliz com o que lhe deram e com o que lhe foi prometido.

— E estou feliz — disse ele. E sorriu como se quisesse prová-lo. — É só que eu ficaria mais feliz com o que é justo.

— Como é que pode dizer o que é justo até o assunto estar resolvido?

— Bom, se tudo correr bem, eu acho que deveria receber duas libras e meia, é só isso.

— Digamos que eu falo com Greenbill e concluo que é ele o nosso homem. Então o que faremos? Como ganhará as suas duas libras e meia?

Littleton deu uma gargalhada desdenhosa: apenas uma forma de disfarçar a sua confusão. — Acho que isso logo se vê.

Naquele momento passámos por um beco escondido nas sombras. Agarrei em Littleton e empurrei-o alguns metros lá para dentro. Enquanto ele tropeçava, tirei uma pistola do bolso e apontei-lha perto da cara. — Eu sou pago pelo que faço porque, se for preciso, não hesitarei em descarregar o meu chumbo no corpo do Greenbill. Talvez tenha que o estrangular ou esmagar-lhe os pés ou pôr-lhe uma mão no meio de chamas. Fará este tipo de coisas, Sr. Littleton?

Para meu espanto, ele não me pareceu nem assustado nem horrorizado, apenas ligeiramente confuso. — Devo dizer-lhe, Weaver, que sabe como se fazer entender. Aceitarei o meu xelim e ficarei feliz por não me pedirem que incendeie alguém.

Recoloquei a pistola no bolso e retomámos o caminho. Num instante, Littleton parecia ter esquecido completamente toda a conversa. Era como um cão, que um quarto de hora depois de ser castigado pelo seu dono se deita alegremente aos pés dele.

— Se quer a minha opinião, acho que Ufford é que é o responsável por esta situação — disse-me ele. — Com as suas politiquices e coisas do estilo.

Senti-me ficar tenso. — O que é que a política tem a ver com isto?

— Você não acha que ele se interessou de repente pelos pobres sem nenhum motivo, pois não? Com as eleições à porta, ele está a fazer o que pode pelos *tories*.

Aqui estava uma nova reviravolta. Eu pensava que isto se tratava apenas de um padre bondoso que se intrometia em assuntos que não lhe diziam respeito. No entanto, se os problemas de Ufford estavam relacionados com as eleições, as coisas poderiam ser um pouco mais complicadas do que eu pensara de início.

— Diga-me como é que estes carregadores estão relacionados com as eleições — disse eu. Eu sabia pouco acerca destes assuntos; apenas que os *whigs* eram o partido da nova riqueza, de homens sem títulos ou história, homens que não queriam ser governados pela Coroa ou pela Igreja. Os *tories* eram o partido das velhas famílias e dos tradicionalistas, aqueles que queriam ver a Igreja restaurada ao seu poder inicial, que queriam ver reforçado o poder da Coroa e o do Parlamento enfraquecido. Os *tories* reclamavam querer destruir a corrupção da nova riqueza, mas muitos acreditavam que eles só queriam que essa riqueza desaparecesse para que o seu dinheiro pudesse ser devolvido às famílias antigas. Eu estava apto a confundir os partidos quando o meu amigo Elias me explicara, com a sua cínica sagacidade, que os *whigs* eram vermes e os *tories* eram tiranos.

De qualquer modo, sempre me espantou o apoio que os *tories* ti-

nham entre os pobres e desfavorecidos. Os *whigs* podiam oferecer melhores condições de progresso aos trabalhadores. Os *whigs* haviam lutado contra as restrições ao progresso, alterando os votos de lealdade que tinham que se prestar para assegurar posições governamentais ou municipais. Agora qualquer protestante, e não só um anglicano, podia possuir tais cargos. Eles enfraqueciam o poder da Igreja e dos seus tribunais de forma a que estes já não pudessem reter os comerciantes que enriqueciam demais para o seu gosto. Mas os *tories* permaneciam como um baluarte de tradição contra a maré de mudança. Promoviam a ideia de uma época mais simples e benevolente, em que os homens de poder protegeriam os menos afortunados. Piscavam o olho a velhas crenças tais como magia e bruxaria e ao poder do toque do rei para curar a escrófula. Os *whigs* podiam fazer um homem sentir que podia ser melhor do que era, mas os *tories* faziam-no sentir satisfeito por ser inglês.

Pela expressão na cara de Littleton, eu não tinha a certeza de ele compreender tanto. — Bem, se quer que seja sincero, eu não tenho conhecimento dos interesses de Ufford — disse-me ele. — Pensar-se-ia que carregadores são carregadores, e que negociantes de tabaco são apenas negociantes de tabaco, mas Ufford parece achar que é tudo política. Ouvi-o dizer que quer ver os *tories* vencerem Westminster e que enfrentará ele próprio o Diabo antes de ver regressar um *whig*. Sabe como são estes homens da Igreja. Os *tories* prometem-lhes que os porão de novo no poder, dando-lhes o direito de nos dizer quando falar e quando calar. Não há nada tão querido para um padre quanto a causa dos *tories*.

Cuspi para o chão. Um dos *tories* que se candidatava a Westminster era Griffin Melbury, o marido de Miriam. Eu dava pouca importância aos detalhes da política e, não vivendo em Westminster, interessava-me ainda menos por aquelas eleições, mas percebia uma coisa com certeza: só desejava fracasso a Melbury. Porque é que Miriam casara com ele? Porque é que abandonara a sua nação — e a mim — por aquele homem que a obrigara a mudar a sua religião? Se o esforço de Ufford para ajudar os trabalhadores elegeisse Melbury, preferiria ver Ufford perseguido e os carregadores na miséria.

Ainda estremeceu quando pensava em Miriam casada com outro homem. Eu nunca o conhecera ou lhe pusera a vista em cima, mas ainda assim tinha na minha cabeça uma imagem muito clara de Melbury: alto, atraente, traços finos, cabelo farto. Devia ser encantador e simpático, ao estilo dos ingleses. O que realmente sabia sobre ele é que vinha de uma antiga família *tory* possuidora de muitas terras, que o pai e o tio sempre tinham pertencido ao Parlamento e que tinha dois irmãos no sacerdócio. Já exercera num círculo uninominal e porque era muito bem rela-

cionado com certos bispos da Igreja de Inglaterra cujo poder era maior em Westminster, fora incentivado a concorrer a um lugar nesse círculo eleitoral – talvez o mais importante da nação.

Melbury teria de ser encantador. Conseguira convencer Miriam a converter-se à Igreja. Ela casara muito nova com o filho do meu tio Miguel, um tipo macambúzio que morreu no mar sem ter praticamente conhecido a mulher. Eu ficara a conhecê-la mais intimamente durante a minha investigação acerca da morte do meu pai, e acreditava verdadeiramente que ela nutria por mim o mesmo amor que eu sentia por ela. Mas apesar do que os romancistas nos dizem, vivemos num mundo mais inclinado para a acção pragmática do que para os ideais românticos. Podemos sentar-nos a ler um bonito livro e imaginar o belo amor numa casa de campo, mas essas ideias não passam de fantasmas. Não as podemos realizar. Em vez disso, temos de comer, vestir e comportarmos-nos como as pessoas da nossa preferência. E é sempre preferível viver sem receio de credores.

Mesmo sabendo que tudo isto é verdade, eu pedira Miriam em casamento mas ela argumentara que as nossas vidas não eram compatíveis. Eu percebi que ela tinha razão, mas isso não me impediu de a pedir novamente. Desisti depois de três recusas, acreditando que mais tentativas de minha parte só pareceriam tolas aos olhos dela e humilhantes aos meus.

Ainda assim, Miriam e eu estávamos muito acostumados à companhia um do outro. Eu parara com os pedidos da sua mão, mas o meu desejo permanecia, inarticulado mas palpável. Ela sabia disso – só podia saber – e procurava à mesma a minha companhia. Uma certa tarde, ela fora a casa do meu tio para a *Havdalah*, o encerramento do Sabat. Eu percebi que havia algo fora do comum na atenção que me dispensava naquela tarde e, à luz das velas, com a minha cabeça cheia com o aroma doce da caixa de especiarias, senti o calor do seu olhar sobre o meu rosto.

Miriam parecia-me deslumbrante no seu vestido azul e chapéu a condizer, do qual se projectavam pequenos anéis escuros. Era uma mulher bem proporcionada e tinha um rosto surpreendente, com uma compleição ibérica e olhos esmeralda, mas eu seria um tolo se tivesse sido apenas o seu aspecto físico a fazer de mim seu devoto, pois Londres abundava com inúmeras mulheres belas e acessíveis. Não, eu admirava Miriam pela sua astúcia e alegre humor, e pelo seu espírito. Ela fora maltratada pelo destino: casada ainda muito jovem com um rapaz introvertido que mal conhecia e por quem, atrevo-me a dizer, não sentia amor. Embora ele tivesse partido apenas alguns meses após o casamento,

ela permanecera sob controlo do meu tio, e embora este fosse bastante benevolente ela ansiara pela sua liberdade.

Embora não por culpa sua, Miriam envolvera-se no caos bolsista da Companhia do Mar do Sul, à qual eu ligara a morte do meu pai. Porém, ela saíra-se muito melhor do que ele, e a Companhia pagara muito bem pelo seu silêncio. Esse pagamento garantira a sua independência, embora durante um tempo ela tivesse mantido a sua lealdade aos pais do falecido marido.

Enquanto conversávamos naquela noite, a sala esvaziou-se lentamente à nossa volta. A minha tia, os convidados e, finalmente, o meu tio que queria quase tanto quanto eu ver-me casado com Miriam. Deixou-nos a sós como se fosse a coisa mais normal do mundo. Miriam poderia ter objectado. Poderia ter-se retirado, mas não o fez. Ficou. Pediu mais vinho.

Começáramos a noite em lugares opostos da sala, mas acabámos, de alguma forma, sentados no mesmo sofá. Digo de alguma forma, mas minto, pois cada movimento de aproximação a ela era resultado de uma grande estratégia de minha parte. Levantava-me para ir buscar alguma coisa e sentava-me um pouco mais perto. Deixava cair um botão, levantava-me para o apanhar e sentava-me mais próximo dela. A cada passo media a sua reacção, e nunca vi sinal de reprovação.

E assim continuou até nos beijarmos. Eu bebera demais naquela noite, mas recordo-me bem como começou. Estávamos sentados muito perto um do outro, ela falava-me sobre um livro que andava a ler e que era muito interessante e eu ouvia-a com alguma desatenção já que o vinho e o meu desejo soavam forte nos meus ouvidos. Finalmente, quando já não conseguia mais aguentar, levei a mão ao seu rosto.

Ela não se afastou, pelo contrário, aproximou-se mais, encostando o nariz como se fosse um gato, e então eu inclinei-me e beijei-a.

Durou apenas um instante antes de ela se afastar e se levantar. — O que é que está a fazer? — perguntou ela, no sussurro mais alto que conseguiu.

Eu preferi permanecer sentado para que ela visse que o seu pânico não era universalmente sentido. — Estava a beijá-la.

— Não devia. Sabe disso. Porque é que tenho de lho dizer de novo?

— Miriam, — disse eu, — só lhe faltou pôr o seu desejo por escrito.

Ela abriu a boca para me atacar com alguma resposta cruel mas deteve-se, permanecendo imóvel durante um período de tempo interminável. Eu ouvi o som da minha respiração e de carruagens cir-

culando na rua como se estas fossem as coisas mais interessantes do mundo.

— Tem razão — sussurrou ela, de uma forma tão suave que eu não consegui ter a certeza de que ela dissera o que me parecera. — Tem razão, desculpe... Tenho que ir — acrescentou ela, subitamente, dirigindo-se para a porta.

Eu saltei do meu assento e agarrei-lhe no braço. Não com força, mas não a deixaria ir. Não naquele momento. Ainda não.

— Porque é que foge de mim? Não quer fugir, então porque é que o faz?

Ela abanou a cabeça com o olhar baixo. Era evidente que não ia ficar, por isso larguei-lhe o braço.

— Eu fujo — disse ela, finalmente, — porque não quero fugir. — Inspirou profundamente. — Benjamin, quando foi a última vez que alguém tentou matá-lo?

Eu não esperava esta pergunta, e quase ri. — Há duas semanas apenas — disse eu, pois um ladrão que eu perseguia ameaçara-me com uma faca. Se eu não tivesse estado alerta, teria sido gravemente ferido, ou pior.

— Há tantas coisas que eu desejo e que você me daria — disse-me ela. — Sei que não me trataria como um objecto, uma criada. Sei que tipo de homem é, Benjamin. Mas fere e mata, e corre o risco de ser ferido e morto.

Ela parou mas eu não tinha nada a dizer em minha defesa, por isso mantivemo-nos em silêncio durante uns longos minutos.

— Eu não posso viver assim — disse ela, finalmente. — Não posso viver com um marido que pode ser assassinado, enforcado ou deportado a qualquer momento. Quer casar comigo? Quer ter filhos? Uma mulher precisa do seu marido. Filhos precisam de um pai, Benjamin. Não posso viver assim.

Não consegui apresentar nenhum argumento para a fazer acreditar que podia.

TRÊS SEMANAS DEPOIS, Miriam enviou-me um bilhete a pedir que fosse a sua casa. Ela nunca fizera isso, e por breves instantes eu animei-me ao pensar que tencionava dizer-me que mudara de ideias; que pensara melhor no assunto e que descartara os preconceitos iniciais. No entanto, enquanto satisfazia a minha imaginação nunca acreditei realmente que ela me diria o que eu mais queria ouvir.

Nem podia ter previsto que ela me daria as notícias que eu mais temia. Quando a sua criada me conduziu à sala de estar, vi-a folhear

nervosamente um livro cujo título, pensei, decerto não saberia dizer-me se lho perguntasse. Pousou o livro e sorriu para mim do mesmo modo forçado com que o faz um cirurgião que prepara uma complicada operação. Os seus olhos verdes estavam mais encovados do que eu jamais vira.

— Um cálice de vinho? — perguntou ela, sabendo bem que eu aceitaria. Todas as minhas ilusões se desvaneceram ao ver a sua expressão de ansiedade. Aceitei o vinho da sua mão trémula, desejoso por me fortalecer.

— Ainda não informei o seu tio — disse-me ela, depois de nos sentarmos os dois, — porque queria que fosse o primeiro a saber. Não podia suportar a ideia de vir a saber por outra pessoa.

Digo agora que não fazia ideia do que ela estava prestes a dizer, mas devia ter feito, pois recordo-me de apertar os braços da cadeira e de me levantar um pouco, e depois de me baixar novamente.

— Vou casar — anunciou ela. A sua boca estava entreaberta; um retrato pantomímico do medo. Depois, recompondo-se, exibiu outro sorriso forçado. Quando penso nela casada, continuo a pensar nela com aquele sorriso dissimulado.

Eu não disse nada durante uns infinitos minutos. Olhei para a frente e pensei. Perguntei-me quem teria ela achado mais digno que eu. Pensei no tempo que passáramos juntos – como amigos, claro – e na simples felicidade que eu sentira na sua presença, na vibração de prazer de estar em sua companhia. Pensei na inquietação da possibilidade, como se cada momento com ela pudesse ser aquele em que ela mudaria de ideias. Tudo isso se desfizera.

— Desejo-lhe felicidades — disse eu finalmente. Mantive o tom de voz neutro e regular, pensando que era a coisa mais digna a fazer; e a mais cruel.

— Receio que haja algum desagrado por parte do seu tio — disse ela; as palavras proferidas muito rapidamente, como se as tivesse ensaiado. — Sabe, é que o homem com quem me vou casar é inglês, e a sua família sempre tendeu para a Igreja Anglicana. Para nosso bem, decidi entrar para a Igreja.

Bebi um pouco de vinho rápido demais. Senti-me zozzo. — Vai converter-se?

— Sim — disse ela.

Não sei dizer o que esperava ela de mim: que eu a contrariasse e fizesse um sermão, que exigisse saber o que sabia ela deste homem, que usasse as minhas habilidades de caça-ladrões para descobrir tudo o que fosse possível sobre ele. Abri a boca para falar, mas produzi apenas

um humilhante gorgolejar. Clareei a garganta e recomecei. — Porquê? — perguntei calmamente.

— Como pode perguntar-me isso?

— Como? Como não? Acredita como ele acredita? A sua fé é a mesma?

— Já me conhece há demasiado tempo para pensar que eu tomaria esta decisão por crença ou fé. Se desejasse tornar-me cristã, ou devota da doutrina cristã, já o teria feito há muito tempo.

— Então porque é que se vai converter? — perguntei. O meu tom já subira e estava mais violento do que eu desejava.

Miriam fechou os olhos por um momento. — Trata-se de felicidade — disse ela.

Oh, como eu gostaria de ter destruído o seu argumento, mas que podia eu dizer? Que podia eu dizer sobre a sua felicidade; a felicidade oferecida por um homem de quem eu nada sabia? Deveria ter partido naquele momento, eu sei, mas como estava prestes a torturar-me durante meio ano, não havia motivos para não começar naquele instante.

— Ama-o? — perguntei.

Ela desviou o olhar. — Como pode perguntar-me isso? Porque é que tem de nos perturbar com estas questões?

— Porque preciso de saber. Ama-o?

Ela continuou sem olhar para mim. — Sim — sussurrou, virando-se de costas.

Eu queria acreditar que ela me estava a mentir, mas não conseguia. Não conseguia perceber – nunca percebi – se o meu descrédito vinha das suas palavras ou do meu coração. Só sabia que não havia mais nada a dizer. Ela disparara o último tiro, aquele que termina a batalha, e não havia mais nada a fazer senão reunir os mortos.

Levantei-me, esvaziei o copo e pousei-o. — Desejo-lhe felicidades — disse eu uma vez mais, e retirei-me.

Só mais tarde é que soube qual era o nome do homem: Griffin Melbury. Casaram cerca de quinze dias depois da nossa conversa numa cerimónia privada para a qual não fui convidado. Nunca mais vi Miriam. Ao saber da notícia, o meu tio rasgou as roupas. A minha tia segredou-me mais tarde que o nome dela nunca mais deveria ser pronunciado a nenhum dos dois. O mundo seria refeito como se Miriam nunca tivesse existido. Ou, pelo menos, fora esse o plano.

Um plano falhado, pois eu comecei a perceber que nestas eleições não conseguia dar dois passos sem ouvir falar do marido dela, e não conseguia ouvir falar do homem sem desejar uma oportunidade para lhe apertar o pescoço até ele desfalecer nas minhas mãos.

A *GOOSE AND WHEEL* era maior do que eu previra: uma sala comprida com dúzias de mesas e um bar ao fundo. E estava cheia. Havia trabalhadores de todos os tipos – ingleses, claro, mas também africanos, indianos e lascarins, tal como eu fingia ser. O ar tresandava a gin, cerveja e carne cozida, a tabaco reles e urina, e o barulho era uma mistura rouca de gritos, cantorias e riso bêbado. Eu já me interrogara porque é que Littleton estaria tão disposto a entrar na taberna onde sabia que não seria bem-vindo, mas vi que o risco que ele corria era ínfimo. A *Goose and Wheel* não gastava mais dinheiro em velas do que o estritamente necessário para as funções básicas do negócio, e os seus proprietários mantinham-na num estado de penumbra sombria. Com muito mais cachimbos do que janelas, a sala era escura e fumarenta, e eu mal conseguia vislumbrar um palmo adiante da vista. O extremo oposto da sala, onde estavam homens a fumar, parecia um céu cheio de estrelas filtrado por um fino véu de nuvens.

Littleton disse-me que precisava de meio litro de gin para aliviar a sua ansiedade. Eu achava melhor que ele mantivesse a cabeça no lugar, mas não estava ali para tomar conta dele, por isso comprei-lhe o veneno que desejava – embora para o fazer precisasse de passar por cima de alguns tipos desacordados que já tinham bebido para lá da conta. Quando pedi uma cerveja pequena para mim, o taberneiro quase se riu, como se nunca ninguém lhe tivesse pedido tão pouca bebida. O melhor que ele tinha para me oferecer era *cock ale*, aquela sopa venenosa feita de cerveja e galinha.

Entregou-me uma caneca da bebida e olhou para mim. — Se for demasiado forte para o seu gosto, melro, pode mijar lá dentro.

Pensei oferecer-lhe uma resposta à altura, mas fiquei calado, desejando permanecer inofensivo até terminar o meu assunto. Em vez disso, agradei-lhe a atenção e dirigi-me para o pé de Littleton, que pusera o chapéu para cima dos olhos para não ser reconhecido.

— Que mais sabe sobre a dimensão política deste assunto? — perguntei-lhe enquanto lhe entregava a bebida. — Ninguém me tinha falado de política e partidos, e eu receio que isso complique seriamente o caso.

Ele encolheu os ombros. — Quanto a isso, não lhe sei dizer. Não tenho direito de voto, e este partido ou o candidato não me dizem grande coisa. Vou aos cortejos na esperança de arranjar alguma comida ou bebida, e talvez uma rapariga jeitosa me beije se pensar que tenho direito de voto, mas *tory* ou *whig*, para mim é igual. Ambos pensam que sabem melhor como pôr os pobres no seu devido lugar. Temos coisas mais importantes com que nos preocupar.

— Tais como...

— Tais como ser Fevereiro, e não haver muitos carregamentos para fazer. Nesta altura do ano, só barcas de carvão, e não deve haver mais nada até à Primavera. Estamos habituados a receber melhor que a maioria dos carregadores e, supostamente, isso deveria ajudar-nos a atravessar os meses fracos, mas com os gangs a atacarem-se mutuamente, lutando pelo pouco trabalho que há, fazemos pouco mais do que se estivéssemos a apanhar maçãs para os merceeiros. E o nosso trabalho também é mais perigoso. Ainda na semana passada um tipo que eu conheço morreu quando um barril de carvão lhe caiu em cima. Ficou com as pernas completamente esmagadas. Morreu dois dias depois e quase nunca parou de gritar.

— E como é que Ufford pretende melhorar as coisas?

— Isso eu não sei. Ouvi os seus sermões, mas não os compreendo lá muito bem. Ele diz que houve um tempo em que os ricos cuidavam dos pobres, e os pobres trabalhavam arduamente mas viviam a sua vida e eram felizes. Diz que estes *whigs* não querem saber da maneira como as coisas eram, só se ralam em receber o dinheiro ao final do dia e matar os pobres de trabalho em vez de lhes dar um salário digno.

— Então ele quer que acreditem que os *tories* serão empregadores mais amáveis porque estão mais acostumados a mandar, enquanto os *whigs* são piores capatazes porque são novos nessa função?

— Parece que sim.

— E é verdade?

Littleton encolheu os ombros. — Dizem que Dennis Dogmill é *whig*, e a maior parte do trabalho que fazemos é para ele. E posso dizer-lhe que se todos os seus trabalhadores morressem depois de descarregarem ele não daria a mínima se houvessem outros para os substituir na vez seguinte. Terá ele um coração negro porque é um *whig* ou terá um coração negro porque é o que tem? Estou inclinado a pensar que a sua política não faz muita diferença.

Littleton puxou o chapéu ainda mais para baixo, um sinal claro de que queria menos conversa e mais gin. Então eu diverti-me a observar o ambiente durante quase uma hora até começar uma desordem perto das traseiras. Alguém atirou algumas velas enquanto uma figura se punha em cima de um barril. Tinha uma altura mediana e era largo de corpo, tinha cerca de quarenta anos de idade, um rosto afilado e olhos esbugalhados que lhe davam uma expressão de surpresa ou talvez de confusão. Bateu só algumas vezes com os pés, e o barulho da sala começou a diminuir.

Littleton saiu do seu estado de embriaguez. — Ali está ele. Aquele é o Billy.

O homem em cima do barril ergueu uma caneca de cerveja. — Um brinde — gritou ele, — a Dinky Danny Roberts, morto na semana passada por um barril de carvão que se lançou sobre a sua pessoa. Era um dos rapazes do Yate... — Surgiram rumores de desdém entre a multidão, por isso Greenbill levantou a voz. — Podia ser um dos rapazes do Yate, mas era na mesma um carregador, e nós temos algo em comum com esses rapazes, qualquer que seja o tipo de demónio que sigam. Um brinde, então. Que seja o último a ir dessa maneira.

Não é preciso muito para que uma sala cheia de carregadores esvazie os seus copos. Depois de um momento de algazarra, não sei se de concordância ou desacordo, Greenbill recomeçou:

— Convoquei esta reunião do nosso gang porque há algo que devem saber, rapazes. Querem que vos diga o que é? Há um carregamento de carvão que chega na próxima semana, e é o Yate e os seus rapazes que o querem tirar de vocês.

Mais algazarra e gritos, e por isso Greenbill Billy teve que parar por uns momentos.

— Sabem, há um salafrário chamado Dennis Dogmill, um negociante de tabaco de quem já devem ter ouvido falar, — esperou que o riso e os assobios desaparecessem, — que teve a ideia de fazer os carregadores lutarem uns contra os outros. Resultou tão bem que agora todos os marinheiros fazem a mesma coisa. «Qual de vós tem o preço mais baixo?», é o que todos querem saber. Por isso fui falar com o Yate e disse-lhe que seria melhor trabalharmos juntos. Vamos acabar com os gangs. Que sejamos um só gang, e juntos levantemos os ordenados dos carregadores. E o Yate disse, e cito-o agora, rapazes: «Os homens do teu gang não passam de carteiristas, maricas e sodomitas». Foi isso que ele disse, rapazes. E eu tive que me conter para não o matar ali mesmo por estar a falar mal de vocês.

— Isso é uma grande mentira, Billy, e tu sabes isso.

A meio caminho entre o lugar onde nos encontrávamos sentados e onde Billy estava, levantou-se um homem que se pôs em cima da mesa. Tinha trinta e poucos anos mas um rosto ainda bastante jovem. Usava o cabelo natural, que era escuro e estava apanhado num pequeno rabo-de-cavalo, e era de estatura baixa embora fosse claramente forte.

— Olhem para isto, rapazes! — exclamou Greenbill. — É Walter Yate. Está louco para aparecer aqui. Ou isso, ou gosta tanto de mentiras que as dirá onde puder, independentemente de quem as oiça.

A boca de Littleton abriu-se de espanto e ele endireitou-se. Ergueu um braço e puxou o chapéu para trás. — O que é que ele está a fazer?

— sussurrou ele, mais para si próprio do que para mim. — Vai fazer com que o matem.

— Senta-te! — gritou um homem a Yate. — Não tens nada a fazer aqui.

— E Greenbill Billy não tem nada que vos contar estas mentiras — disse Yate. — Não sou vosso inimigo. É Dennis Dogmill e os outros como ele que nos querem voltar uns contra os outros. Todos precisamos comer, por isso trabalhamos praticamente a troco de nada já que isso é melhor do que o nada propriamente dito. Guardem as vossas pragas para Dogmill e os seus amigos *whigs*, que querem matar-vos de trabalho e depois esquecer que alguma vez existiram. Em vez de nos virarmos uns contra os outros, devíamos fazer os possíveis para que o Sr. Melbury consiga o seu lugar no Parlamento. Ele fará o possível por nos ajudar. Protegerá os nossos direitos tradicionais.

Senti os músculos contraírem. Lá estava de novo Melbury, e eu não o queria por perto.

— O que é que foi? Melbury pagou-te para meteres o bedelho aqui? — perguntou Greenbill. — Nenhum de nós tem direito de voto, coisa que saberias se fosses um dos nossos em vez de pensares mandar em nós. Griffin Melbury. A não ser que tenha um barco para descarregar, não quero saber nada dele *ou* da puta que o pariu.

— Deviam querer saber dele — disse Yate. — Ele ajudaria a derrotar Dogmill e a pôr comida nas bocas dos vossos filhos.

— E eu ponho forragem queimada na tua boca se não te calares — gritou alguém para Yate.

— As tuas palavras cheiram melhor do que um pântano — rugiu outra voz. — Suponho que tenha sido o próprio Papa a enviar-te para dizeres estas mentiras.

E, então, alguém lhe atirou uma caneca de gin para cima. Yate desviou-se graciosamente para o lado e o recipiente atingiu Greenbill no peito.

Oh, que ultraje! Como se atrevia a evitar um projétil e permitir que este sujasse o tão amado líder? Fez-se um momento de silêncio, de quietude. E depois alguém agarrou em Yate e tirou-o de cima da mesa e ele desapareceu sob um espesso mar de murros. Eu ouvia, apesar dos gritos, o som abafado dos punhos batendo no corpo. Alguns juntaram-se em volta e pontapeavam os companheiros que se encontravam mais próximos da vítima. Outros esmurravam simplesmente o ar numa complexa pantomina da violência escondida. Mas estes prazeres eram limitados, e enquanto uns carregadores ficaram para tentar acertar em Yate, outros pareceram esquecer num instante que havia uma razão para

aquela barafunda. Espalhavam-se pela taberna, à procura de alguma coisa para partir ou roubar, ou dirigiam-se à porta para poderem alcançar um maior campo de destruição.

E então eu senti um violento puxão no braço. Era Littleton. — Hora de partir — disse ele. — Encontre o seu caminho o melhor que puder — sugeriu, enquanto desaparecia no meio da multidão.

Eu deveria ter seguido o seu conselho, mas no caos do momento a minha mente não o viu tão claramente. A taberna já quase se esvaziara, mas ainda havia um grupo de homens que partia a mobília, as paredes, os barris de cerveja, os baldes de gin. Havia lanternas partidas espalhadas pelo chão, e a bebida entornada ensopara misericordiosamente as suas chamas.

E lá estava o pobre Walter Yate, esparramado no chão, de barriga para cima como uma tartaruga de pernas para o ar. Um homem segurava-lhe nos braços, enquanto outro erguia uma cadeira e se preparava para a baixar e esmagar a cabeça da pobre vítima. Havia mais três que aplaudiam, dividindo o tempo entre esmurrarem o ar como incentivo aos seus companheiros e olharem para a porta na expectativa de ainda maiores actos de destruição que certamente decorreriam lá fora.

Era verdade que estas questões de qual carregador recebia qual trabalho não me diziam nada, e era ainda mais verdadeiro que uma parte de mim acreditava que Yate merecia que dessem cabo dele por ter falado tão bem de Griffin Melbury, mas eu não podia pactuar com assassinato. Corri e derrubei o homem que segurava Yate e desviei a vítima do caminho a tempo da cadeira bater no chão, onde se desfez em pedaços.

Vendo-me ir em socorro da sua vítima, os carregadores dispersaram. Eu levantei rapidamente Yate. Embora tonto e um pouco arranhado, ele parecia não ter sofrido ferimentos graves. — Obrigado — disse ele, enquanto me apressava em direcção à porta. — Não pensei encontrar amigos aqui entre os rapazes do Greenbill.

— Eu não sou um dos rapazes de Greenbill. E embora não pensasse encontrá-lo aqui, queria falar consigo de qualquer forma. Ser-me-ia de pouca utilidade com a cabeça esmagada. — Derrubei uma mesa que estava perto da porta para nos servir de escudo contra a cerca de meia dúzia de homens que ainda estava no interior da taberna. Fora os dois que tinham tentado assassinar Yate, os restantes exploravam as maravilhas de uma taberna sem um taberneiro. Que é o mesmo que dizer que enchiam as canecas de gin e os bolsos de facas e pequenos pratos. Em poucos minutos estariam ou a dormir ou mais beligerantes que nunca.

Os outros dois homens observavam-nos enquanto nos agachávamos atrás da mesa virada. Observavam os homens com o gin. Tentavam decidir-se.

— O meu nome é Weaver — disse eu apressadamente a Yate. — Estou ao serviço de um padre chamado Ufford, que me contratou para descobrir o autor de alguns bilhetes ameaçadores. Ele acha que o senhor pode saber algo acerca disso; que poderá estar relacionado com os seus problemas com Dogmill.

— Dogmill devia ir para o Inferno, e Ufford também. Quem me dera nunca me ter envolvido neste negócio. São só conspirações, segredos e esquemas. Mas são os carregadores que pagam o preço.

Eu pensei perguntar de que conspirações, segredos e esquemas falava ele, mas percebi que a violência derrotara a bebida. Quatro dos homens que se haviam enchido de gin apressavam-se agora na nossa direcção como touros raivosos.

Yate viu imediatamente que estava na altura de nos retirarmos. Quando abriu a porta da taberna, eu percebi que a conversa teria que esperar pois não havia qualquer abrigo no exterior. Havia dúzias, talvez centenas, de homens na rua, lutando uns contra os outros e contra estranhos, derrubando portas e mulheres. Um homem conseguira uma luminária e atirou-a contra um edifício do outro lado da rua. Felizmente esta caiu a pouca distância, partindo-se nos degraus de pedra, ateando fogo a nada mais importante do que um desordeiro.

Não estávamos a mais de meio metro da taberna quando dois homens atacaram uma vez mais Walter Yate, e teria sido estranho salvá-lo de uma morte e deixá-lo sofrer outra, por isso avancei e derrubei um dos atacantes. O meu punho desceu com força contra a sua cara, e senti algum prazer de o ver cair, mas depois houve mais dois que se juntaram ao meu primeiro atacante e eu comecei a esmurrar e a empurrar só para me defender.

A certa altura olhei para cima e vi um tijolo, bem apertado por dedos brancos, balançando em direcção à minha cabeça. Não sei se teria evitado este golpe – certamente fatal – se Yate não tivesse levantado o braço, arriscando expor-se à violência do homem com quem lutava, fazendo com que o meu atacante largasse o tijolo. Derrubei o selvagem com um único golpe na cara e resmunguei os meus agradecimentos a Yate, que eu começava agora a ver de uma forma bastante favorável. Embora ele falasse entusiasticamente do marido de Miriam – uma das piores ofensas que eu podia imaginar – estávamos agora os dois ligados pela irmandade do combate.

Eu ainda tinha a perícia de um pugilista experiente, embora o fe-

rimento na perna que terminara com a minha carreira me tivesse começado a doer quando eu me apoiava nela, defendendo-me e procurando uma saída por onde eu e Yate pudessemos escapar. Mas não havia nenhuma. Quando algum dos homens avançava de punhos em riste, eu desviava-me ou derrubava-o ou evitava-o para me deparar com outro logo de seguida. Por seu lado, Yate lutava bem, mas tal como eu só conseguia afastar os seus atacantes o tempo suficiente para desviar mais golpes.

Embora estivesse ocupado a tentar proteger a minha própria vida, consegui aperceber-me de que o tumulto adquirira um certo tom político. Grupos de carregadores entoavam: «*Não aos jacobitas! Não aos tories! Não aos papistas!*» – todos conduzidos pelo rival de Yate, Greenbill Billy. Os tumultos estavam aptos a adquirir tons de protesto, particularmente em tempo de eleições, mas eu fiquei contudo muito curioso por tal ter acontecido tão rapidamente.

No entanto, eu tinha coisas mais prementes com que me preocupar, pois enquanto muitos dos carregadores se encontravam ocupados com as cantorias e estilhaçar de vidros, muitos mais demonstravam um empenho impressionante em lutar – especialmente em lutar contra nós. Não sei dizer quanto tempo estivemos ali a combater. Mais de meia hora, suponho. Soquei e levei socos. O meu rosto ficou pesado de suor e sangue. E eu continuava a lutar. No momento em que vi uma abertura avancei, e fui novamente atacado. Nos primeiros minutos não parava de espreitar para ver como estava o meu companheiro, mas depressa fiquei sem forças para isso. Não podia fazer mais do que proteger-me a mim mesmo. A certa altura reuni forças e voltei-me para ver como se saía o carregador, e fiquei espantado por ver que tinha desaparecido. Ou fugira, ou a multidão afastara-nos sem que déssemos por isso. Presumi que fosse a segunda hipótese e, por motivos que não consigo explicar totalmente, esse pensamento encheu-me de pavor. Eu salvara Yate, e ele salvara-me. Achava agora que o seu bem-estar era da minha responsabilidade. Mudei de posição apenas o suficiente para ter outra vista, mas nenhum sinal dele. Um estranho tipo de pânico tomou conta de mim, como se tivesse perdido uma criança que estivesse sob os meus cuidados. — Yate! — chamei, sobrepondo-me ao barulho dos gritos, risos e golpes de punhos. Não obtive resposta.

E depois tudo parou. Num momento estava a lutar e a gritar por Yate, e no seguinte tudo se silenciou e eu vi-me a socar o ar, rodopiando loucamente à procura do oponente anónimo seguinte. Formou-se um ajuntamento à minha volta a cerca de dois metros de distância. Senti-me como um animal enjaulado, uma coisa perigosa e alienígena. Fiquei ali

parado a arfar, meio dobrado, à espera de forças para perguntar porque é que me tornara objecto de tamanha curiosidade.

Então aproximaram-se dois guardas e seguraram-me nos braços.

Eu deixei-os. Não resisti. Inclinei-me para a frente para descansar enquanto eles me seguravam, e no meio da minha exaustão ouvi uma voz desconhecida dizer: — É ele. É ele o cigano que matou Walter Yate.

E fui levado para o gabinete do magistrado.



LONDRES DEPOIS DO ANOITECER não é lugar para os vulneráveis, muito menos os nus, mas eu livrara-me da prisão mais temível do reino, e podia alegrar-me por ainda estar calçado. De outro modo, o meu estado seria tão anti-higiénico como era humilhante, já que eu me dirigia para sul e, conseqüentemente, para perto do canal do Fleet. Nestas ruas é provável que um transeunte pise dejectos, carne de cão apodrecida ou algum tumor descartado por um cirurgião. No entanto, um homem que acabara de escapar da prisão e quase à morte num tûmulo apertado, não tinha nada que se sentir melindrado por sentir um pedaço de cão ou de carne amputada nas suas pernas, especialmente quando havia uma chuva gelada para o lavar. Quanto ao problema da minha nudez, estava escuro – certamente a melhor condição para fugir da prisão – e eu tinha poucas dúvidas de que, nesta cidade que tão bem conhecia, seria capaz de me manter escondido nas sombras.

Mas não eternamente. Precitaria de roupas, e depressa, pois muito embora a alegria de ter ganho a minha liberdade me corresse nas veias, sentia-me perigosamente gelado, e as minhas mãos começavam a ficar dormentes. Os dentes batiam uns nos outros, e eu tremia tanto que temia perder o equilíbrio e cair no chão. Não estava contente com a perspectiva de ter que tirar a outro aquilo que tanto desejava, mas a necessidade sobrepunha-se a quaisquer pecadilhos morais que perturbassem os meus pensamentos. Além disso, eu não fazia tenção de roubar toda a roupa deixando a pessoa no estado em que presentemente me encontrava. Só

queria encontrar alguém que se deixasse persuadir, de uma maneira ou de outra, a partilhar um pouco da sua abundância.

Há algo acerca de se ter estado preso, e talvez ainda mais por se ter fugido da prisão, que faz um homem ver o familiar como novo. Enquanto fazia a minha caminhada para sudoeste, senti os odores pestilentos do Fleet como se chegasse à cidade pela primeira vez. Ouvi a estranheza dos gritos dos vendedores de tartes e de aves e das vendedoras de camarões. As palavras descuidadas gravadas nas paredes que eu nunca antes havia notado – *Walpole vai para o diabo e Jenny King é uma puta e uma cabra* – pareciam-me agora os estranhos rabiscos de um alfabeto misterioso. Mas a renovada estranheza da cidade desviou pouco a minha atenção do facto de estar com frio, molhado e faminto – faminto até à tontura –, e os gritos anunciando tartes, peixe em salmoura e nabos assados distraíram-me imensamente.

A minha passagem por aquela parte repugnante da cidade assumiu os contornos de um pesadelo. Por uma ou duas vezes os portadores de tochas e os pedintes avistavam-me e vaiavam, mas, para o bem ou para o mal, numa metrópole como aquela, onde a pobreza é tão exuberante, não é tão raro ver um desgraçado despido, e eu fui tomado por uma vítima desesperada da pobreza que constituía um fardo para a nação. Passei por muitos mendigos, que evitavam pedir-me dinheiro, mas eu podia ver pelo vazio do seu olhar que sabiam que eu era bem alimentado e, por conseguinte, mais afortunado que eles. Algumas damas do prazer ofereceram-me os seus serviços, mas eu expliquei-lhes que naquele momento não tinha qualquer dinheiro comigo.

Perto de Holborn vi um homem exactamente do tipo que eu queria. Era um bêbado que deixara os amigos nalguma taberna e fora em busca de prazer barato. Para um embriagado cambaleante, o prazer barato é facilmente encontrável, ainda mais porque um homem no seu estado pode ser um alvo fácil para uma mulher de olho no seu bolso, relógio ou peruca.

Este tipo, inchado, molhado até aos ossos, e na casa dos quarenta, cambaleava em direcção a uma mulher de cabelo escuro que podia ser descrita em termos tristemente idênticos. De certa forma, pensei, eu iria fazer-lhe um favor evitando uma intimidade com uma criatura bastante inferior ao que ele desejaria num estado de sobriedade – uma que de certo levaria o que não lhe fora oferecido, deixando em troca o que não era desejado. Emergi das sombras, agarrei-lhe os ombros com ambas as mãos e puxei-o para dentro do beco onde estivera escondido.

— Meu Deus, ajudem-me! — gritou ele, antes que eu lhe pudesse tapar a boca.

— Cala-te, bêbado idiota — sussurrei. — Não vêes que estou a tentar ajudar-te?

As minhas palavras tiveram o efeito que eu tencionara, pois ele parou para considerar o seu significado e como este estranho desnudado poderia estar a oferecer-lhe ajuda. Enquanto ele media as minhas intenções, eu consegui apossar-me do seu casaco, chapéu e peruca.

— Um momento! — gritou ele, mas não lhe serviu de nada. Levantou-se, talvez para me perseguir, mas escorregou nalguma coisa viscosa e caiu para trás. Ainda nu, mas com o meu saque debaixo do braço, desapareci no meio da noite. Usaria aquelas coisas, embora por pouco tempo, pois tinha em mente roubar as roupas de outro homem a seguir, e essas seriam muito mais apropriadas.

MEIA HORA DEPOIS, estava finalmente debaixo de tecto e perto de um glorioso fogão quente a ter uma conversa marcada pela violência: — Ou fazes como te digo, ou serás massacrado de uma forma inimaginável — disse eu ao lacaio, um rapaz com pouco mais de dezoito anos.

Ele olhou para o outro lado da cozinha onde jazia o corpo do mordomo, de barriga para baixo, um pouco de sangue saindo pelo ouvido. Eu fizera a mesma oferta ao mordomo, e a sua escolha não fora a mais sensata.

— Não trabalho aqui há mais de duas semanas — disse eu num carregado sotaque nortenho. — Disseram-me que os rufias são conhecidos por fazerem arrombamentos. Têm aparecido homens famintos à porta, pedinchando migalhas, mas nunca pensei ver um assaltante.

Estou certo de que não tinha a melhor das aparências, usando apenas um casaco, uma peruca que mal me cobria o cabelo e um chapéu casualmente posto por cima — tudo isto encharcado. Eu pensara roubar a peruca porque acreditava que se a minha fuga tivesse sido descoberta estariam à procura de um homem de cabelo natural escuro e não de um cavalheiro de peruca, mas eu parecia tanto um cavalheiro como um africano acorrentado acabado de chegar a Liverpool.

— Rapaz, não verás mais nada para além das tuas pálpebras se não fizeres como te digo. — Eu devia ter-me aproximado mais dele para parecer ameaçador. Mas, em vez disso, recuei para sentir o calor do fogão.

No entanto, ele não se apercebeu dos meus movimentos. — Não tenho nada que me magoar ao serviço dele — disse o lacaio, fazendo um gesto com a cabeça na direcção de outro compartimento da casa.

— Então dá-me as tuas roupas — disse eu.

— Mas eu estou a usá-las.

— Então talvez devesse tirá-las primeiro — propus.

Ele fitou-me, esperando mais esclarecimentos, mas quando verificou que não viria nenhum, deixou escapar um suspiro confuso, resmungou para si mesmo como se eu fosse o seu pai e o tivesse mandado limpar a pocilga, e começou a desapertar os botões e a desatar os nós. Os seus dentes enterraram-se irritadamente no lábio inferior, despiu tudo excepto a blusa e atirou na minha direcção a roupa, que caiu amontoada no chão. Eu dei-lhe em troca o casaco recentemente adquirido, pesado com a água, e depois vesti o seu libré – agradavelmente seco, embora mais carregado de piolhos do que eu desejaria.

O meu objectivo não era ludibriar o seu amo; não o faria por mais de um instante. Acreditava, porém, que se ele me visse com a roupa do seu criado ficaria suficientemente desorientado para ser mais influenciável. E também sabia que, quando deixasse a casa, o libré seria um óptimo disfarce.

Depois do laçao vestir o meu casaco, amarrei-o com um pouco de corda que encontrara na cozinha. — Há mais criados nesta casa? — perguntei-lhe, enquanto agarrava num pedaço de pão e o mordia violentamente. Era pão da véspera, e duro, mas soube-me maravilhosamente bem.

— Só a rapariga da limpeza, — disse ele — mas ela é virtuosa, e eu não fiz nada que danificasse a sua honra.

Ergui uma sobranceira. — Onde é que ela está? — perguntei com a boca cheia de pão.

— Esta é a sua noite de folga. Ela foi visitar a mãe, que toma conta dos filhos de uma senhora que vive perto de St. James. Não regressará em menos de duas horas.

Eu considerei a possibilidade de ele estar a mentir – acerca da hora do regresso da rapariga, não da sua virtude – e concluí que não tinha astúcia para me enganar. Não disposto a pousar o pão, segurei-o entre os dentes enquanto pegava num pano de cozinha e o amarrava à volta da boca dele para o manter calado. Depois disse-lhe que nos dias seguintes poderia dar uma vista de olhos nos jornais diários para ver se alguém procurava o casaco, a peruca e o chapéu. O mais generoso seria devolvê-los ao seu dono.

Terminei rapidamente de comer o pão, encontrei um par de maçãs – uma das quais comi, guardando a outra no bolso – e depois decidi que estava na hora de ir à minha vida. A casa não era assim tão grande nem tão confusa, de modo que foi relativamente fácil encontrar quem procurava.

Encontrei o Juiz Piers Rowley num gabinete bastante iluminado,

com cortinados vermelhos, almofadas vermelhas e um tapete turco vermelho. Rowley vestia uma camisa de noite e barrete de um vermelho condizente, e estava praticamente irreconhecível aos meus olhos sem todo o esplendor do seu fato de juiz. Vi isto como um bom sinal. Talvez eu estivesse igualmente irreconhecível no meu próprio disfarce; pelo menos o tempo suficiente para fazer uma surpresa. Estava sentado de costas para mim, virado de forma a receber a maior quantidade possível de luz da lareira que iluminava uma escrivaninha cheia de papéis. Por toda a sala havia outras velas acesas, e havia um tabuleiro de maçãs e peras junto a uma garrafa de cristal cheia de vinho tinto. Eu ter-me-ia servido de um copo ou dois, mas não podia arriscar desorientar os sentidos com a bebida.

Quando me aproximei, vi que Rowley segurava um livro espesso contra o peito. Adormecera. Confesso que me senti tentado a vingar-me naquele instante. A agarrá-lo pelo pescoço, deixando-o acordar para o pesadelo da sua própria morte. A crueldade de uma experiência tão louca atraía-me, e certamente ele não merecia menos. Mas, independentemente de quão satisfatório fosse, percebi que o crime não me traria grandes vantagens.

Fiquei a olhar para ele e tossi diversas vezes até ele ficar suficientemente agitado. As suas pálpebras tremelicavam e os maxilares bamboleavam. Limpou a baba dos lábios com a manga da camisa e esticou o braço para alcançar o copo de vinho.

— O que se passa, Daws? — perguntou ausente. Mas quando a borda prateada do copo encostou nos seus lábios, os olhos focaram pela primeira vez o meu rosto e ele percebeu que eu não era Daws. Endireitou-se no assento, esquecendo o vinho que se entornou no seu colo. — Weaver — sussurrou.

— O Sr. Daws está incapacitado, — disse-lhe eu, — e o seu mordomo, cujo nome não sei, partiu a cabeça.

Recostou-se com força na cadeira. — Você conseguiu fugir — notou ele, com o mais ténue dos sorrisos.

Não vi sentido em confirmar o óbvio. — O senhor estava determinado a ver-me ser condenado pelo júri — disse eu. — Porquê?

— Deve tratar disso com o júri — retorquiu ele, tentando escapar empurrando a cadeira para trás. A força obrigou-o a fazer uma careta que transformou o seu rosto numa autêntica máscara de carnaval.

— Não, devo tratar consigo. O senhor não mostrou qualquer interesse em apurar a verdade sobre a morte de Yate. Só se preocupou em ver-me condenado, e depois não hesitou em sentenciar-me à forca. Quero saber porquê.

— Assassinato é um crime horrendo — disse ele muito suavemente. — Deve ser punido.

— Como deve ser a tentativa de assassinato, pois não consigo ver de outra forma o seu comportamento em relação a mim.

Rowley parou de se contorcer, como se tivesse decidido de repente ser ousado em vez de tímido. — Pode achar o que quiser. As suas opiniões são só suas, e não me pode responsabilizar por elas.

Avancei mais um passo. — Permita-me expor um facto bastante óbvio, senhor: só posso ser enforcado uma vez. O veredicto foi pronunciado. Se for levado de novo sob custódia, terei certamente o mais terrível dos destinos independentemente do que aconteça entre nós. Deve compreender que já não pode refrear as minhas acções. — Debrucei-me sobre ele. — Nos seus esforços para me ver punido pela justiça, colocou-me para lá da justiça, e tenho pouco a perder se agir de acordo com qualquer impulso violento. Por isso deixe-me perguntar-lhe mais uma vez. Porque é que quis ver-me condenado?

— Porque achei que era culpado — disse ele, desviando o seu olhar do meu.

— Eu não consigo acreditar nisso nem por um momento. O senhor ouviu aquelas testemunhas confessarem que haviam sido pagas para descrever o que nunca tinham visto, o que nunca poderiam ter visto, já que tal não aconteceu. Preferiu ignorar a falsidade dos testemunhos. E ordenou ao júri que ignorasse a falsidade dos testemunhos. Exijo saber porquê. — Pelo facto de já prever uma certa relutância por parte de Sua Excelência, levava comigo uma faca da cozinha. Mostrei-lha naquele momento e, em vez de esperar que ele decidisse se eu tencionava usá-la ou não, espetei-a rapidamente por baixo do seu olho esquerdo. Não pretendia feri-lo gravemente, só mostrar-lhe que eu não era uma daquelas pessoas que fala mas não age.

Ele levou imediatamente as mãos à cara para cobrir a ferida que, devo dizer, foi bastante inconsequente. Sangrou um pouco, mas já tenho sofrido ferimentos maiores por parte do meu barbeiro.

— Você cegou-me! — gritou ele.

— Não, não ceguei, — respondi, — mas vejo agora que a ideia de cegar o perturba um pouco. Não hesitarei em arrancar-lhe um olho se não me contar o que sabe. Talvez não lhe tenha ocorrido que eu sou um homem com muito pouco tempo a perder. Espero que me perdoe se eu ficar impaciente.

— Que o Diabo o leve, Weaver. Eu não tive escolha. Fiz o que pude por si. — Rowley manteve-se dobrado, pressionando o corte com as duas mãos como se pudesse sangrar até à morte se não utilizasse os dez dedos.

— Porque é que não teve escolha?

— Raios o partam — murmurou ele, mas não para mim. Parecia estar a falar para o próprio ar. Depois olhou novamente para mim. — Olhe, Weaver, já consegui sair. Isso deveria bastar. Se for sensato, não ficará a vadiar por aqui e fugirá o quanto antes. Não vai querer enfurecer esta gente.

— Que gente? Quem lhe disse para influenciar o júri contra mim? — perguntei.

Silêncio. Mas ergui a faca e ele reconsiderou a sua reticência.

— Que se lixe! Não serei mutilado por causa dele. Não gosto assim tanto do homem, e arrependo-me amargamente de me ter envolvido nisto. Mas as eleições estão à porta, e ninguém se pode dar ao luxo de permanecer neutro.

Senti-me tenso. — O quê? As eleições outra vez? O que é que as eleições têm a ver com isto?

— Foi Griffin Melbury — disse ele. — Griffin Melbury disse-me para o fazer, mas suplico-lhe que não diga que lhe contei. O homem é um inimigo perigoso, e eu não quero que ele tenha alguma coisa contra mim.

As suas palavras surpreenderam-me de tal forma que eu quase larguei a faca. No entanto, quando olhei para a mão verifiquei que a segurava cada vez com mais força; com tanta força que os meus dedos estavam brancos.

Griffin Melbury. O candidato *tory* por Westminster. O homem que casara com a minha Miriam.

— EXPLIQUE-ME TUDO — disse eu. — Não me omita nada.

— Melbury quis encontrar-se comigo no instante em que fui sorteado para o seu julgamento. Disse-me que era imperativo que você fosse considerado culpado, que fosse enforcado. Todos os valores *tory* — uma Igreja sólida, uma monarquia sólida, controlando a nova riqueza e os pensadores liberais —, tudo isto dependia de eu executar esta acção. Ele deixou bem claro que se eu não cumprisse o meu dever nesta matéria, descobriria que, a seguir às eleições, haveria muito mais *tories* no poder do que os necessários para me fazer perder o cargo.

Eu sabia que a maioria dos juizes eram homens da política e que deviam a sua lealdade a um dos dois partidos. Também sabia que estes homens deixavam as suas relações influenciarem as decisões judiciais. No entanto, não podia imaginar que os *tories* desejassem ver-me condenado por este crime. Como poderia o meu destino estar ligado à causa dos *tories*? A não ser, claro, que Melbury tivesse fabricado a urgência da

situação, e que para ele fosse apenas uma questão de honra. Mas como nunca havia conhecido Griffin Melbury, como nunca havia atravessado o seu caminho, nem o havia enfurecido, mal podia acreditar que ele guardasse tanto rancor contra mim pelo simples facto de ter em tempos cortejado a mulher que se tornara sua esposa.

— Porquê? — perguntei.

— Não sei — ripostou ele, como se eu fosse seu filho e lhe tivesse perguntado porque é que o céu é azul. — Não sei. Ele não me disse; não quis dizer. Eu exigi uma resposta, mas ele só me ofereceu ameaças. Você tem de acreditar que não tive qualquer prazer em fazer o que fiz. Não tive escolha.

— O que é que eu tenho a ver com isto? Como posso ter algo a dizer sobre a causa dos *tories*?

— Como poderei saber se Melbury não me disse nada? Pensei que você poderia responder melhor a essa pergunta do que eu. Se eu pudesse ter evitado o que aconteceu hoje no tribunal, tê-lo-ia feito. Não sinto qualquer satisfação em ver a minha reputação enfraquecida por sua causa; ou por causa dele, já agora. Agi como agi porque não podia fazer outra coisa.

Permaneci imóvel durante um bom tempo, sem ouvir nada – nem o estalido do fogo, nem o tiquetaque do relógio, nem a respiração profunda de Piers Rowley, cujas mãos já se tinham afastado da ferida há muito estancada e tapavam agora a sua cara chorosa.

A mim parecia-me patético. — Mostre-me as suas notas bancárias — disse eu.

Rowley tirou as mãos da cara. Ele limitara-se a encolher-se e a tremer quando eu só ameaçara a sua vida, mas agora que eu investigava a sua riqueza, o leão que havia dentro de si despertou. — Pensei que você fosse demasiado honrado para se transformar num ladrão — disse ele calmamente. A sua voz ganhara alguma compostura, e eu pensei que ou o homem amava realmente o seu dinheiro ou a cobardia que apresentara fora apenas uma pequena farsa para adiar mais agressões.

— Fui condenado por um crime — disse eu. — Estou certo de que o tribunal não perdeu tempo a ir à minha residência e a confiscar os meus bens. Já não tenho casa nem dinheiro, mas como o senhor foi o orquestrador dessa sentença, acho que é justo que me compense pelas minhas perdas. Então, onde está o seu dinheiro?

— Não lho direi, Weaver. Não serei roubado. Não por si.

«Não lho direi?» Decerto perdera o juízo. Melhor seria dizer que não tinha notas. Brandi a faca, mas Rowley permaneceu desafiante.

— Acho que esta pequena ferida que você me fez prova que não é

um homem de violência desmedida — disse ele. — Poderia ter feito pior, mas não fez.

Naquele momento, ouvi um reboliço vindo da cozinha. E depois ouvi o grito de uma mulher. A criada, cuja virtude estava segura com o laçao, regressara mais cedo e encontrara os seus colegas num estado pavoroso. Não tinha muito mais tempo a perder na casa do juiz.

— O dinheiro — disse eu. — Agora.

Ele arriscou o mais leve dos sorrisos. — Não me parece. — Vi os seus olhos esbugalharem enquanto se concentrava para encontrar a coragem para me enfrentar. — Sabe, Sr. Weaver, a sua reputação fez-lhe algum mal. Pode brandir espada e pistolas, e até usá-las quando for ameaçado ou enfrentar bandidos perigosos, mas eu sou apenas um velho homem da lei, indefeso na sua própria casa. Duvido que queira fazer mal a uma criatura tão fraca como eu, e digo-lhe que já me cansei das suas ameaças. Já lhe disse o que queria e coloquei-me numa situação perigosa ao fazê-lo. Agora saia se ainda puder, pois não lhe darei um centavo, nem um chavo. Se acha que tem direito a ser recompensado, deve tratar do assunto com Griffin Melbury.

Considere as suas palavras por uns instantes e depois avancei com uma rapidez que até eu achei impressionante. Agarrei-lhe a orelha direita com uma mão, e com a outra usei a faca para lhe cortar um bom bocado. Segurei o pedaço ensanguentado entre os dedos e mostrei-lho antes de o atirar para cima da escrivaninha, onde aterrou numa pilha de correspondência com uma forte batida. Demasiado espantado para gritar ou até para se mover, Rowley fitou apenas o pequeno pedaço de carne.

— Onde guarda o dinheiro? — perguntei-lhe outra vez.

PARA MEU DELEITE, descobri que o Sr. Rowley tinha com ele mais de quatrocentas libras em notas negociáveis — para além de cerca de vinte libras em dinheiro — e eu peguei em tudo e saí da casa antes da rapariga regressar com quem quer que fosse que fora chamar. Embora fosse uma pequena recompensa pelo mal que ele me fizera, era, de qualquer forma, satisfatório aliviá-lo de tão grande maquia e tranquilizador tê-la em minha posse.

Não tinha uma ideia clara de como fazer melhor uso da informação que Rowley me fornecera, que atitude deveria tomar, ou onde poderia encontrar um lugar seguro para me esconder. Contudo sabia onde iria a seguir.



EU NUNCA ANTES imaginara como seria a vida de um lacaios, mas no meu passeio até Bloomsbury Square fui cumprimentado por prostitutas, zombado por outros homens de uniforme que viam alguma lacuna no meu, provocado por carregadores de tochas, e foram-me oferecidas bebidas por aprendizes. Um lacaios caminha na mais estreita das fronteiras entre o privilégio e a impotência, vivendo em ambos os lados e sendo zombado por cada um se se atreve a ir longe demais num ou noutro território.

Eu evitava estes torturadores o melhor que podia, pois não fazia ideia de quão convincente pareceria se alguém se aproximasse em demasia. A maioria dos lacaios era mais jovem do que eu, mas a idade não seria a mais traiçoeira das minhas características. A peruca fazia ainda maior estrago, pois embora me tivesse custado muito enfiar os meus próprios cabelos dentro dela, ficava esquisita e assentava-me mal, e eu sabia que me denunciaria num exame mais minucioso.

Aproximei-me com algum receio da casa onde se hospedava o meu amigo Elias Gordon. Só podia presumir que naquele momento a minha fuga já tivesse sido descoberta, e qualquer pessoa familiar com os meus hábitos saberia que Elias, que muitas vezes me ajudava nas minhas investigações, poderia muito bem ser o primeiro a quem eu pediria refúgio. Se esta casa estivesse a ser vigiada, poderia concluir que a do meu tio também estaria, assim como a de cerca de meia dúzia de amigos chegados. Mas de todas as pessoas que eu conhecia, acreditava poder contar

mais com Elias, não só para proteger a minha segurança mas também para reflectir sobre os problemas que eu enfrentava com uma mente clara e aberta.

Embora Elias fosse cirurgião de profissão, era também uma espécie de filósofo. Durante os esforços que eu envidara para desatar o nó de secretismo que envolvia a morte do meu pai, fora Elias que me dera a conhecer o misterioso funcionamento das grandes instituições financeiras do reino. Mais do que isso, fora ele que me ensinara a perceber a teoria das probabilidades – o mesmo mecanismo filosófico que fazia funcionar a maquinaria das finanças – e a usá-la para resolver um crime sem testemunhas ou provas. Os meus problemas pareciam agora muito mais assustadores do que naquela altura, mas eu tinha esperança de que Elias conseguisse ver o que eu não conseguia.

Então decidi arriscar-me a visitá-lo, confiando no meu disfarce, na minha rapidez de raciocínio e na minha – algo diminuída, mas ainda confiável – força física. A não ser que me aguardasse um pequeno exército, estava convencido de que despacharia com alguma facilidade qualquer homem que interferisse.

A chuva abrandara desde que eu escapara de Newgate, embora não tivesse cessado por completo, e as ruas estavam escuras e escorregadias com lama. Quando me aproximei da casa onde vivia Elias, vi dois homens de guarda à porta, encolhidos para se protegerem dos chuviscos. Eram ambos da minha idade, nenhum deles particularmente forte. Usavam capas escuras, perucas curtas e chapéus pequenos, e estavam encharcados com a chuva. Não conseguia perceber quem eram, embora pudesse ver claramente que não se tratavam de guardas ou soldados. Estavam, no entanto, bastante bem armados. Vi que cada um segurava numa pistola, e que os bolsos estavam pesados, decerto bem recheados de munições. Eu, por outro lado, não levava qualquer arma a não ser a faca de cozinha que trazia escondida dentro do casaco.

Pensei evitar estes homens e entrar pelas traseiras, mas um deles avistou-me e chamou-me.

— Ei, amigo — disse ele. — O que quer aqui?

— Vim ver o Sr. Jacob Monck, que vive aqui — disse eu, usando o nome de um inquilino que eu sabia que morava lá. Também falei com um acentuado sotaque de Yorkshire, esperando conseguir despistá-los.

Os dois homens aproximaram-se. — O que quer com esse Monck? — perguntou o que me tinha chamado.

— Entregar uma mensagem. — Dei um passo em frente.

— De quem? — O homem limpou a chuva fria do rosto.

Não hesitei nem por um instante. — Da minha senhora — disse-

-lhe eu, esperando que ele não fosse tão bom no seu ofício a ponto de saber que Monck era um septuagenário e muito pouco dado a envolver-se em intrigas.

— Quem é a sua senhora?

Sorri para ele e revirei os olhos como já vira lacaios fazerem mais de cem vezes. — Isso não é da sua conta. Quem são os senhores, que estão no meu caminho como uns insolentes?

— Estes apanha-peidos acham-se grandes cavalheiros — disse um dos homens. — Somos agentes aduaneiros. E tu és apenas um lambe-botas. Não devias esquecer-te disso.

— Pode passar e entregar a sua mensagem, senhor — disse o outro. — E peço perdão por o termos importunado enquanto desempenhava a sua importante tarefa. Detestaria pensar que prejudiquei a relação do Sr. Monck com a sua senhora.

Fiz um sorriso escarminho àquele que falara e bati à porta; apesar da minha brilhante actuação, ficara agitado com o susto. Agentes aduaneiros: os homens que faziam cumprir as leis alfandegárias e dos impostos. Porque é que homens cujo papel era procurar contrabandistas e fugitivos dos impostos viriam à procura de um suposto assassino que escapara de Newgate? Não fazia sentido, mas sugeria que havia muito mais coisas envolvidas no caso da minha condenação do que eu supusera até então.

Quando ouvi mexer na fechadura da porta, fiquei ainda mais assustado, pois a senhoria de Elias, Sra. Henry, reconhecer-me-ia com certeza e eu não sabia se podia contar com o seu silêncio. Ela sempre me olhara com maior gentileza do que é normal, mas agora toda a gente pensava que eu era um assassino, e eu sabia muito bem que havia pessoas que poderiam não ver com bons olhos as minhas acções na casa do Juiz Rowley.

Felizmente, não tinha muitos motivos de preocupação. A Sra. Henry abriu a porta, olhou para a minha cara e, como se não fizesse ideia de quem eu era, perguntou-me o que desejava. Eu repeti simplesmente o que dissera aos agentes alfandegários, e ela convidou-me a entrar.

Pensei que tivesse perguntas para me fazer, ou palavras suplicantes de como eu deveria entregar-me e ter fé na justiça e no Senhor, mas ela não fez nada disso; só sorriu calorosamente e fez um sinal com a cabeça. — Pode subir. Ele está lá em cima.

Elias abriu a porta quase no mesmo instante em que eu acabei de bater. Os seus olhos arregalaram por um momento, e depois agarrou-me no braço e puxou-me para dentro. — Estás louco de vir até aqui? Estão homens lá em baixo à tua procura.

— Eu sei — disse eu. — Oficiais aduaneiros.

— Homens dos direitos alfandegários? O que é que eles podem ter a ver com isto? — Começou a dizer algo acerca da peculiaridade dos meus perseguidores, mas mudou de ideias e aproximou-se de um aparador com uma garrafa de vinho e alguns copo sujos em cima. Os aposentos de Elias eram relativamente agradáveis, mas não os mais asseados, e tinham roupas velhas, livros, papéis e pratos sujos espalhados por toda a parte. Havia algumas velas acesas em cima da escrivaninha, e parecia que ele tinha estado a trabalhar nalgum projecto antes de eu chegar. Embora fosse um cirurgião de alguma reputação, Elias preferia as artes literárias às médicas e já tentara a dramaturgia e a poesia. Disse-me que trabalhava naquele momento numas memórias ficcionais de um arrojado cirurgião escocês que tentava a sua sorte no labirinto social de Londres.

— Como é óbvio, passaste por um mau bocado, — disse ele, — mas antes de discutirmos isso, aconselho-te vivamente a fazer um clister. — Mostrou-me um cilindro do tamanho do meu dedo indicador. Era castanho e parecia rijo como pedra.

— Desculpa?

— Um clister — explicou ele com grande empenho. — É uma purga das entranhas.

— Sim, estou familiarizado com o conceito. Mas tendo acabado de escapar da mais temível prisão do reino, não estou minimamente inclinado a festejar a minha liberdade cagando no teu penico enquanto tu assistes, pronto para examinar o conteúdo.

— Ninguém gosta de um clister, mas não é essa a questão. Tenho estudado muito o assunto e cheguei à conclusão de que é o melhor para ti; melhor ainda do que a sangria. O ideal seria combiná-lo com um diurético e um purgante, mas eu desconfio que não estejas disposto a submeter-te aos três.

— É impressionante como os nossos amigos nos conhecem — observei. — Consegues ler a minha alma como nenhum desconhecido conseguiria, e pressentes que eu não estou na disposição de cagar, mijar e vomitar, tudo em simultâneo.

Ele ergueu a mão. — Ponhamos o assunto de lado, por agora. Só estou a pensar na tua saúde, sabes, mas vejo que não consigo impor-te a boa medicina. No entanto, suponho que não recuses um copo de vinho.

— Por motivos que não consigo articular por completo, essa oferta atrai-me muito mais do que a outra.

— Não há necessidade de seres azedo — disse ele enquanto enchia um copo de vinho tinto. Quando se voltou para mo entregar, pareceu, pela primeira vez, reparar no meu libré. — Fica-te bem — disse ele.

— Até agora tem dado muito jeito.

— Onde é que o arranjaste?

— Tirei-o ao laçao de Piers Rowley.

Os seus olhos abriram-se de espanto. — Weaver, não foste lá, pois não?

Encolhi os ombros. — Pareceu-me a melhor coisa a fazer na altura.

Elias levou uma mão à cara, como se eu tivesse arruinado algum plano seu. Depois endireitou-se e inspirou profundamente. — Estou certo de que não fizeste nada de disparatado.

— Claro que não — disse eu. — Contudo, cortei uma das orelhas do juiz e roubei quatrocentas das suas libras.

De alguma forma, o extremismo desta revelação acalmou-o. Retirou um par de calças manchadas de vinho de cima de uma cadeira e sentou-se. — Tens de deixar o país o mais depressa possível, claro. Talvez para as Províncias Unidas. Tens lá um irmão, não tens? Ou podias ir para França.

— Não vou deixar o país — disse eu, enquanto levantava o que parecia ser um espartilho da cadeira mais próxima. — Não vou fugir e deixar que todos pensem que sou um assassino. — Atirei a peça de roupa para cima das calças e sentei-me.

— O que é que te interessa o que as pessoas pensam? Mesmo que conseguisses provar que não mataste o tal Yate, ainda serias enforcado por teres cortado a orelha de um juiz do Tribunal do Rei, e por lhe teres roubado quatrocentas libras. A justiça não perdoa esse tipo de coisas.

— Também não perdoa a corrupção judicial. Estou certo de que, uma vez que as pessoas compreendam que, com a sua corrupção, Rowley não me deu escolha, quaisquer queixas contra mim serão retiradas.

— Enlouqueceste — disse ele. — Claro que as queixas não serão retiradas. Não podes espezinhar a Lei, independentemente de quão justa seja a tua motivação ou lógico o teu raciocínio. Aqui não há jogo limpo. Trata-se do governo.

— Veremos o que posso ou não fazer — disse eu com uma confiança que não possuía.

Ele parou por um momento. — Quatrocentas libras é muito dinheiro — disse. — Achas que vais precisar dele todo?

— Elias, por favor.

— Bem, deves-me trinta libras, sabes, e como estás prestes a ser levado para o patíbulo, acho que é justo tocar no assunto. Se quero acabar este pequeno trabalho de ficção que estou a compor, precisarei de toda a ajuda possível.

— Ouve-me — disse eu. — Não me posso demorar aqui, pois disse aos oficiais aduaneiros que estão lá fora que só vinha entregar um bilhete amoroso ao teu amigo inquilino. Vou-me embora agora e encontro-me contigo dentro de uma hora numa estalagem chamada *Turk and Sun* na Charles Street. Conheces?

— Sim, mas nunca entrei lá.

— Nem eu, e é por isso que será um bom lugar para nos encontrarmos. E tem cuidado para não seres seguido.

— Como é que eu faço isso?

— Não sei. Recorre à tua musa literária para inspiração. Apanha várias carruagens de aluguer, por exemplo.

— Está bem — concordou ele. — Na *Turk and Sun* dentro de uma hora.

Levantei-me e pousei o copo na escrivaninha.

— Mas como é que conseguiste escapar? — perguntou-me ele.

— Viste aquela mulher que me abraçou depois da sentença ter sido pronunciada?

— Vi, realmente. Uma criatura muito bonita. Quem é ela?

— Não sei, mas ela enfiou-me uma gazua na mão.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Que simpático da parte dela. Não sabes de todo de quem se tratava?

— Só posso supor, de acordo com a sua actuação, que ela possa pertencer a Jonathan Wild. Só o Caça-Ladrões Geral teria um grupo de belezas à sua disposição. No entanto, não vou sequer especular porque é que ele me queria ver livre, mas também não posso supor porque é que ele testemunhou tão amavelmente a meu favor.

— Também estranhei. Quando ele subiu à barra das testemunhas, eu tive a certeza de que ele faria todos os possíveis para destruir um rival. Ele tratou-te bastante mal no passado, ao mandar os seus brutamontes atacarem-te. E agora finge admirar-te. É a coisa mais estranha do mundo, mas não acho que lho queiras perguntar, pois não?

Eu ri. — Não é provável. Não tenho a intenção de aparecer na sua taberna, enquanto tenho a cabeça a prémio, para lhe perguntar se, por me ter feito um favor, foi responsável por outro. Se a resposta fosse negativa, eu ficaria numa situação complicada.

Elias anuiu com a cabeça. — Mesmo assim, se foi ele o responsável por te enviar aquela rapariga, caber-te-ia a ti saber porquê.

— Eu vou saber. No final, eu vou acabar por saber.

— Como já não estás em Newgate, só posso adivinhar que tenhas feito bom uso da gazua.

— Fiz o melhor uso que consegui. Abri os cadeados das minhas

correntes, arranquei uma grade da janela, que usei para partir a parede de uma chaminé que trepei — disse eu. — Depois arrombei mais algumas fechaduras, subi uma série de escadarias, destruí uma janela gradeada e, finalmente, desci por uma corda feita com as minhas roupas, ficando nu na rua.

Elias olhou fixamente para mim. — Dentro de uma hora, — repetiu ele, — na *Turk and Sun*.

EU JÁ PASSARA UMA CENTENA DE VEZES pela estalagem e nunca entrara, pois sempre me parecera banal. No entanto, essa característica era precisamente o que eu procurava agora. No interior, as mesas estavam cheias de homens indefiníveis, de tipo comum, com as suas ásperas roupas de lã e riso rude. Faziam o que os homens fazem em lugares como esses: bebiam, principalmente, mas também comiam costeletas, fumavam os seus cachimbos e agarravam as prostitutas que entravam à espera de ganhar alguns xelins.

Fiquei com a mesa pior iluminada que descobri, e pedi um prato do que quer que houvesse quente e uma caneca de cerveja. Quando me puseram à frente uma ave cozida com molho de passas, eu escavei o pássaro com uma ferocidade carnívora até a minha cara ficar escorregadia com gordura.

Suponho que lacaios uniformizados não fizessem parte da clientela habitual da estalagem, e por essa razão recebi o meu quinhão de olhares curiosos, mas não sofri maior molestaçãõ que essa. Quando acabei de comer, bebi a minha cerveja e, talvez pela primeira vez, contemplei seriamente como me poderia desembaraçar daquela terrível situação, certamente a pior que já enfrentara numa vida cheia de situações terríveis. Chegara a muito poucas conclusões, quando Elias apareceu. Sentou-se à minha mesa, agachando-se como se receasse que alguém lhe atirasse uma maçã à cabeça. Eu pedi cerveja, o que o animou um pouco.

Depois da bebida lhe ter humedecido os lábios, ele sentiu-se pronto para entrar no assunto. — Explica-me outra vez porque é que não vais fugir do país.

— Se eu tivesse realmente assassinado Yate, — disse eu, — fugiria de bom grado, de todo o coração. Adoptaria o papel de fugitivo. Mas eu não assassinei ninguém, e não viverei o resto da minha vida como um renegado, com medo de entrar no país que sempre foi a minha casa, só porque alguém desejou que tal acontecesse.

— E se o que alguém deseja é ver-te morto? Enquanto viveres, de certo derrotarás os teus inimigos.

— Não posso aceitar isso. Tenho de ter direito à justiça. Pelo me-

nos, preciso compreender porque é que tudo isto aconteceu, e arriscarei a vida permanecendo em Londres para descobrir. E devo-o ao Yate.

— Ao Yate? Pensei que nunca tinhas visto o homem até uma hora antes da sua morte.

— É verdade, mas nessa hora formámos uma espécie de amizade. A certa altura, durante a luta, ele salvou-me a vida, e eu, se puder, não deixarei a sua morte ficar impune.

Ele suspirou e esfregou as mãos pela cara abaixo. — Diz-me o que descobriste até agora.

Eu já lhe relatara os meus encontros com Ufford e Littleton, mas lembrei-lhe esses eventos e falei também do meu encontro com Rowley.

Elias não ficou menos espantado do que eu ficara. — Porque é que Griffin Melbury quereria ver-te enforcado? — perguntou ele. — Meu Deus, Weaver. Não andas a cornear o homem, pois não? Pois se isto é apenas uma questão de te deitares com a mulher de outro, ficarei muito desapontado.

— Não, não ando a deitar-me com a mulher de outro. Não vejo a Miriam há quase seis meses.

— Não a *vês*. Mas tens mantido algum tipo de relação secreta por correspondência?

Abanei a cabeça. — Não, nada disso. Não tenho tido qualquer tipo de contacto com ela. Ficaria surpreendido se Melbury soubesse que eu alguma vez pedi a mão da sua mulher em casamento. Não acredito que ela lhe falasse acerca dos anteriores rivais, e muito menos de uma forma que tencionasse instigar os seus ciúmes.

— Nunca podemos ter certeza de nada em relação às mulheres, sabes? Fazem as coisas mais surpreendentes. Afinal de contas, não te surpreendeu ela tornando-se uma cristã?

Virei a cara. Miriam surpreendera-me de uma forma que eu não conseguia compreender totalmente. Desde que eu retomara o contacto com os meus parentes, principalmente com o meu tio e família, e regressara para o nosso bairro, Dukes Place, sentira-me mais atraído – tanto por hábito como por inclinação – para a comunidade dos meus correligionários. Assistia regularmente à veneração do Sabat, fazia as minhas preces na sinagoga, em quase todos os principais dias santos, e sentia cada vez maior dificuldade em violar as antigas leis dietéticas. Ainda não decidira seguir estas leis à letra, mas começara a sentir náuseas quando via alguém a comer porco ou ostras ou carne estufada em leite – ou até mesmo a ave que me fora servida na taberna. Começara a não gostar de ter a cabeça descoberta; pedia dispensa do trabalho na Sexta-Feira à noite ou no Sábado, se este pudesse ser adiado; de vez em quando senta-

va-me no gabinete do meu tio a folhear a sua Bíblia Hebraica, tentando recordar a língua escorregadia que estudara tantos anos enquanto criança.

Não digo que tenha aderido a tudo o que um verdadeiro devoto consideraria o verdadeiro cumprimento das leis judaicas, mas sentia-me mais à vontade se me inclinava para várias delas. E talvez porque, tal como todos os homens, tenho tendência a olhar mais para dentro e a achar que todas as pessoas pensam como eu, acreditei que Miriam também sentiria a mesma inclinação. Afinal de contas, ela ia à sinagoga, ajudava a minha tia com os preparativos dos feriados e nunca, que eu tivesse visto, violava notoriamente o Sabat ou a lei dietética – nem mesmo quando saíra de casa do meu tio. Então porque é que se havia voltado para a Igreja?

De início pensei que fora apenas para apaziguar o tal Melbury, que eu imaginava gorduroso e untuoso, um tipo atraente de educação acima da média. Mas depois, quando contemplei a escolha de Miriam, ocorreu-me uma outra ideia. Ela dissera mais de uma vez que me invejava a capacidade de ser como os ingleses. Eu sabia que era algo que ela desejava, mas era impossível já que ela era judia. Havia aqui alguma ironia pois, como hebreu, eu nunca poderia ser inglês, só podia ser *como* os ingleses. Como hebraica, o mesmo se aplicava a Miriam.

Olhem para as obras dos poetas, e verão. Há sempre o *judeu*, e a *filha do judeu* ou a *mulher do judeu*. Este truísmo é talvez mais evidente no famoso *Judeu de Veneza* de Granville, em que a bonita filha, Jessica, só precisa de deixar o seu malvado pai judeu e abraçar o amante cristão para apagar todos os vestígios do seu passado hebraico. Para utilizar a terminologia dos cientistas, Miriam, enquanto mulher, era apenas um corpo na órbita de um homem poderoso a quem se unira. Casar com um cristão permitira-lhe tornar-se inglesa; mais do que isso, fora necessário. Já aconteceu judeus terem casado com inglesas, e cada parte manter a antiga religião. Mas isso não pode acontecer com uma judia, e assim foi.

NO ENTANTO, Elias estava muito mais interessado em saber porque é que Melbury me desejaria mal. — Se não lhe fizeste nada de mal, e presumindo que estejas certo e que a mulher dele não lhe tenha acendido algum ódio, porque é que ele quererá destruir-te? E talvez mais importante que isso, como poderia ele dizer a Piers Rowley como agir?

— Quanto à última, presumo que Rowley tenha algum tipo de aliança com os *tories*, e que Melbury seja patrono de uns ou de outros. O juiz deixou bem claro que, com a aproximação das eleições, as pessoas

têm que gravitar como exigem as suas lealdades e agirem em concórdância.

— Sem dúvida. — Elias inclinou a cabeça. — Já me tinha esquecido de que não és nenhum político, Weaver, e é por isso que a história faz ainda menos sentido. Rowley não deve nada aos *tories*. Ele é um *whig*. Um *whig*; e um que é conhecido por alinhar com Albert Hertcomb, o adversário de Melbury na próxima corrida eleitoral.

— Eu sei quem é Hertcomb — disse eu subitamente, enquanto tomava um gole da minha bebida, embora só conhecesse o nome do sujeito porque ouvira uma notícia de jornal lida em voz alta numa taberna, alguns dias antes da minha detenção. — Rowley insistiu que a minha prisão e condenação seriam de algum modo vitais para a causa *tory*, então porque...? — Abafei a minha própria pergunta ao lembrar-me da natureza da notícia que tinha ouvido. — Espera. Não existe uma ligação entre o candidato *whig*, Hertcomb, e Dennis Dogmill, o comerciante de tabaco que os carregadores tanto odeiam?

Elias anuiu com a cabeça. — Surpreende-me que tenhas conhecimento disso. Sim, Dogmill é patrão de Hertcomb e, como tal, Hertcomb ajudou na passagem de diversas notas que favoreciam o negócio do tabaco de um modo geral, e Dogmill em particular. Ele é também o agente eleitoral de Hertcomb.

Bati com a mão na mesa. — Usemos então as nossas maravilhosas noções de probabilidade e vejamos o que sabemos: Um padre defendeu os direitos dos carregadores que descarregam o tabaco de Dogmill e depois recebeu uma ameaça que lhe dizia para parar com as ações. A seguir, um líder dos agitadores laborais é morto, e eu sou preso pelo crime. O juiz no meu julgamento, um *whig*, faz tudo para me condenar, mas quando se vê entre a espada e a parede acusa um *tory* importante. Quando me aproximo de um local onde qualquer investigador esperaria encontrar-me, este está guardado por agentes aduaneiros, que deviam preocupar-se com carga contrabandeada em vez de se preocuparem com assassinos foragidos. Dado o conhecimento geral da corrupção entre os oficiais aduaneiros, que se diz estarem sob controlo dos comerciantes mais poderosos, acredito poder aplicar os mecanismos da probabilidade para determinar a identidade do assassino.

— Dennis Dogmill — disse Elias.

— Exactamente. Adoraria vê-lo dançar depois do tratamento rude que apresentou quando tentei falar com ele. Deve ser ele o culpado. Não há mais ninguém que desejasse ver Walter Yate morto, que tivesse o poder para enforcar outro homem pelo crime e que quisesse pôr-me contra Griffin Melbury.

Elias estudou o meu rosto. — Deves estar decepcionado — disse ele, — por descobrir que muito provavelmente não será Melbury o teu inimigo.

Eu admiti a mim mesmo que ele tinha razão, mas não lhe daria a satisfação de o confirmar. — Por que razão estaria?

— Ora, Weaver, tens andado maldispuesto nos últimos seis meses, desde que soubeste que a tua bonita prima se tinha convertido à Igreja e casado com Melbury. Não posso deixar de pensar que sentirias algum prazer em expô-lo como bandido. Afinal de contas, se Melbury fosse enforcado, a Sra. Melbury poderia casar-se de novo.

— Tenho mais que me preocupe do que os assuntos do coração — disse eu com sinceridade. — Pois agora devo contentar-me com o conhecimento quase certo de que Dennis Dogmill é meu inimigo. — Eu não estava nada contente, e ainda não abandonara inteiramente a ideia de que Melbury pudesse estar envolvido, ou, talvez, que eu o pudesse envolver.

— Dogmill é bem conhecido por ser cruel e cáustico, — concordou Elias, — mas se ele foi mesmo o responsável pela morte de Yate, porque é que te escolheria a ti para incriminar? As docas abundam com o pior tipo de homens à face da Terra, homens que mal saberiam articular uma palavra em seu favor, que não se defenderiam capazmente, e que decerto não teriam a iniciativa para fugir de Newgate. Porquê escolher culpar um homem que ele, certamente, sabia que resistiria furiosamente a este tratamento?

Abanei a cabeça. — Concordo que não parece sensato. Eu tinha poucas hipóteses de saber alguma coisa acerca do caso dos bilhetes ameaçadores. Fui preso mesmo no início da minha investigação, por isso Dogmill não poderia querer silenciar-me porque eu ainda não tenho nada a dizer. Acredito que esta é a questão-chave. Se conseguir descobrir porque é que Dogmill desejava punir-me, posso descobrir uma forma de provar a minha inocência.

Elias fez uma expressão céptica. — E como farás isso?

— Amanhã irei falar com Ufford e ver se ele me pode facultar mais informações. E há mais algumas pessoas que tenho de procurar. Por agora, preciso de descansar.

— Deixo-te, então. — Elias levantou-se e pôs o chapéu, e depois voltou-se para mim. — Mais uma pergunta. Quem é o tal Johnson, de quem falou a testemunha que depôs contra ti?

Abanei a cabeça. — Já me tinha esquecido disso. O nome não me diz nada.

— Muito estranho. O miúdo, Spicer, parecia particularmente an-

sioso para que todos te associassem a esse Johnson.

— Também me pareceu, mas não conheço ninguém com esse nome.

— Suspeito que ainda venhas a conhecer — profetizou ele. E, como se viria a verificar, muito correctamente.

Então decidimos que nos encontraríamos noutra taberna na noite seguinte. Contudo, quando se preparava para sair, Elias hesitou por um momento e depois retirou uma pequena bolsa de dentro do casaco.

— Trouxe-te um clister e um emético. Espero que sejas suficientemente ajuizado para os usares.

— Estou mesmo a precisar de dormir.

— Dormirás melhor se te limpares. Tens de confiar em mim, Weaver. Afinal de contas, eu sou médico. — E, com isto, retirou-se, deixando-me a olhar para a sua generosa oferta.